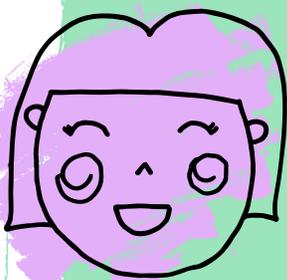
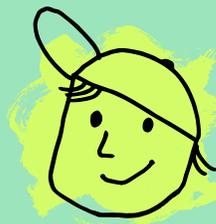


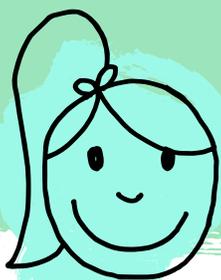
Francine Veríssimo Walsh



VOCÊ

no

Ministério
Infantil



“Um livro sobre ministério infantil repleto de sabedoria, informação e carinho, como tudo que a autora faz. Acredito que ele seja indispensável para pessoas que querem trabalhar ou já trabalham com crianças dentro e fora de suas igrejas. Tenho certeza que se todos nós o lêssemos, nossas Escolas Bíblicas Dominicais seriam muito melhores, com professores mais capacitados e um desenvolvimento de aula mais claro.” **Rita Carolina**, do canal Geolê

“‘VOCÊ no Ministério Infantil’ é imprescindível para quem quer trabalhar de forma intencional com as crianças de sua igreja. Nesse eBook você encontrará respostas para seus anseios de como ensinar, onde ensinar, o que fazer quando um aluno é indisciplinado e até mesmo como lidar com alunos com Necessidades Específicas. É um eBook simples, prático e completo.” **Raissa Lucena**, do canal Evangelho em Questão

“Eu só tenho a agradecer a Deus por este eBook simples e objetivo que vejo como uma resposta às minhas orações. Recomendo ‘VOCÊ no Ministério Infantil’ a todos, por nos ajudar a retirar nossas lentes do medo, da preguiça e até mesmo da autossuficiência.” **Tássia Fernandes**

“O que encontrei nesse eBook foram muitos ensinamentos que extrapolaram os limites do assunto abordado e foram como flechas certeiras a um coração aflito, ansioso, egocêntrico, altivo, confuso. A linguagem é simples e envolvente - dá vontade de ler tudo de uma vez e várias vezes!” **Rebeca Guimarães**

“Um eBook que pode e deve ser usado não somente nas aulas no Ministério Infantil, como também na vida cotidiana. ‘VOCÊ no Ministério Infantil’ poderá ser usado por mães e pais que desejam realizar culto familiar dentro da sua casa e muitas vezes não sabem como explicar a Palavra de Deus para seus filhos.” **Cinthia de Moraes**

“Motivador e reflexivo ao mesmo tempo. É sempre bom nos lembrarmos que é o Senhor quem age através da nossa incapacidade e, como Francine diz, isso ‘tira o peso que colocamos em nossos ombros’. Essa é a premissa de toda e qualquer pessoa que deseja servir a Deus, seja no Ministério Infantil ou em qualquer outra área.” **Vitória Baptista**

“Se você ainda não sabe se o Ministério Infantil é o seu lugar, ou se já sabe mas ainda não descobriu por onde começar, este eBook é para você!” **Vanessa Moura**

VOCÊ no Ministério Infantil

Um eBook para todo crente em Cristo que deseja servir

Francine Veríssimo Walsh

gracaemflor.com

Esse eBook é uma cortesia do Ministério Graça em Flor.

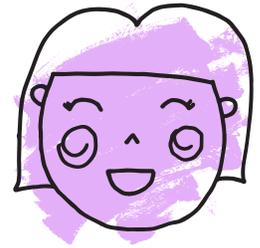
É proibida a cópia total ou parcial de seu conteúdo, sem autorização dos autores.

2017 © Todos os direitos reservados.

Dedicado a Érica Barros, “dona Érica”,
que não só acreditou no meu potencial
como foi uma professora excelente,
acendendo em mim a vontade
de ser o mesmo.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 6 |
| 1. Eu? No Ministério Infantil? | 11 |
| 2. Por que ensinar os pequeninos? | 15 |
| 3. Como ensinar os pequeninos? | 23 |
| 4. Como montar as lições | 28 |
| 5. As faixas etárias | 34 |
| 6. A responsabilidade do professor em ser um exemplo | 54 |
| 7. Conhecendo suas ovelhas | 58 |
| 8. Por amor e em amor - sobre a disciplina | 63 |
| 9. Incluindo todos - ensinando crianças com necessidades específicas | 71 |
| Conclusão | 77 |
| Sobre a autora e Agradecimentos..... | 78 |



Introdução

“Fran, vem cá, temos que conversar sobre sua situação no cultinho...”

Eu tinha 12 anos quando a esposa do pastor da minha igreja me chamou para conversar. Aparentemente eu era a única exceção à faixa etária do “cultinho” (como nós chamávamos o culto para crianças), que só aceitava crianças de até 10 anos. Mas, já por dois eu burlava o sistema.

Eu não conseguia evitar: sempre que o pastor chamava as crianças para irem ao fundo da igreja, eu escapava e passava junto com as menores. O que eu podia fazer? Amava o cultinho! Amava as músicas, as crianças, as brincadeiras, o lanchinho e, principalmente, amava as histórias sobre Jesus, e também sobre as vidas de missionárias, que a professora contava. Eu me via em Amy Charmichael, em Corrie ten Boom, em Fanny Crosby... Eu queria ser como elas, elas eram minhas heroínas!

Mas, minha alegria acabaria ali. Eu sentia que naquela conversa a esposa do pastor me daria o ultimato: você já está grande demais para o cultinho.

“Então, Fran... Nós sabemos o quanto você ama estar aqui, e não queremos que você saia”, ela disse, *“temos uma ideia então... Que tal se, ao invés de vir como participante, você começasse a trabalhar como ajudante da professora? Você pode ajudar a olhar os mais novos.”*

Meu coração pulou e minha alegria transbordou! Será que seria verdade? Agora eu não só participaria do cultinho, eu seria parte dele? Eu seria uma professora? Eu, uma pré-adolescente, me envolvendo em um ministério tão importante?

Ainda dou graças a Deus pela sensibilidade daquela querida professora, esposa do meu pastor. Ela viu em mim não uma criança mimada que não queria participar do culto normal, mas uma criança que amava crianças, e acendeu em mim um fogo que nunca mais apagou.

Foi dessa maneira que começou minha jornada de amar crianças, amar servi-las e amar fazer isso principalmente no contexto da igreja, onde eu tinha liberdade de ensiná-las sobre Jesus e o quão maravilhoso Ele é. Já são mais de dez anos de caminhada, e o que começou como uma quase brincadeira hoje virou minha profissão - me formei em Pedagogia em 2013, e Psicopedagogia Institucional em

2015.

E é aqui que esse eBook entra: nesse meu processo de me tornar professora, eu tive medo de não estar cumprindo bem o meu propósito, ainda que amasse esse ministério. Os obstáculos foram muitos - houve dificuldades com crianças que choravam sem parar; receio de ser muito jovem para ensinar; medo de prejudicar o aprendizado de algum pequeno; e até mesmo preguiça, vez ou outra, de continuar.

Eu não sei como esse eBook vai te encontrar. Talvez, assim como eu estive, você está servindo no ministério infantil com medo. Ou talvez tem servido, mas sem muita vontade, sem muita paixão. Ou possivelmente participar desse ministério seja algo que nunca tenha passado por sua cabeça.

O que eu sei é que se você está com esse conteúdo em mãos é porque algo te despertou, te moveu em direção a ele, e me alegro por essa disposição em seu coração.

Se o título desse eBook te fez pensar “Eu? Será?”, eu peço que você ore e clame ao Senhor por um coração aberto, disposto a se colocar em qualquer ministério e serviço que precise de você. E se o que te fez buscar esse eBook foi a vontade de aprimorar a forma como tem servido no ministério infantil, eu peço que você ore e clame ao Senhor por uma disposição firme de servi-LO com excelência nesse trabalho tão precioso.

O ministério infantil não precisa ser um bicho-de-sete-cabeças. Não precisa ser algo que você queira evitar a qualquer custo. Pelo contrário, pode ser algo feito com alegria e excelência. Mas, é preciso uma disposição, uma vontade de servir e saber que, seja qual for o trabalho, o Senhor é quem recompensa, o Senhor é quem reconhece teus esforços. Não há nada de luxuoso nesse ministério, e se é isso que você busca eu preciso ser sincera em te dizer que não vai encontrar em fraldas sujas, narizes escorrendo e num levanta-e-agacha constante. Nós não temos holofotes nem aplausos.

Mas, talvez seja isso que faça desse ministério algo tão especial. Na maioria das vezes ninguém verá seus esforços, sua consistência, sua dedicação. Ninguém a não ser o Senhor. E então seu trabalho feito em secreto terá uma recompensa secreta, só sua, entre você e Ele. E sinceramente? É assim que aprendemos o verdadeiro sentido de serviço - no cansaço sem medalhas.

Esse eBook é, portanto, um trabalho de mão dupla. O seu papel é estar disposto, ainda que despreparado, para arregaçar as mangas e servir, sem esperar nada em troca a não ser recompensas espirituais. O meu é te dar ferramentas para cumprir isso. E eu entendo o quão grande é a minha responsabilidade em me colocar como alguém capaz de “formar” pessoas para o serviço, e mesmo sabendo de minhas limitações, eu descanso no fato de que o Senhor pode falar através de mim ou apesar de mim (Ele falou até através de uma jumenta, né?). Eu quero ser alguém que não pegou seu talento e o enterrou na areia. Eu quero me colocar aqui para dizer: eis o pouco que eu sei, espero que te ajude.

Muitas pessoas que se colocam no ministério infantil também pensam assim - elas sabem de suas limitações. Muitas delas não têm muita experiência, muitas não entendem de criança, de ensino. Algumas têm filhos, trazem esse conhecimento prévio, mas outras nem isso. E aí o que acontece é que conforme o tempo passa e as dificuldades surgem, essas pessoas se cansam, se estafam e acabam desistindo.

Eu não as culpo. Esse é um ministério cansativo e quando reconhecemos nossas limitações, chega a ser assustador.

Mas é aqui que o “VOCÊ no Ministério Infantil” entra. Eu acredito em você e na sua capacidade e paixão de servir. E eu quero te ajudar, te acompanhar e te encorajar enquanto você constrói um ministério infantil na sua igreja que floresce ao educar os pequenos no caminho da Verdade.

Eu quero poder pegar seus braços cansados, colocar sobre meus ombros e dizer “vamos juntos”.

Seja qual for sua situação, de alguém que está prestes a entrar nessa aventura, ou de alguém que está querendo desistir dela, me dê a mão e vamos juntos. Vamos acreditar que, na força do braço do Pai, a gente consegue. Porque se essas crianças são dEle, você é dEle e a Igreja é dEle, então é Ele quem fará a obra. Nós somos apenas os canos enferrujados pelos quais Ele passará a Água da Vida.

Ciência x Bíblia

Eu quero poder, desde o começo da sua leitura, te dizer meu posicionamento quanto à teoria colocada nesse eBook. Durante meus anos de formação na área da Educação, tanto na graduação quanto na especialização, eu tive que ler muita literatura voltada ao aprender, às crianças e ao desenvolvimento infantil.

Eu li muito sobre como elas pensam, como aprendem, como se desenvolvem... Li também sobre por que choram, quando choram, por que desobedecem, e sobre como lidar com essa desobediência. Tudo isso vindo de teóricos da área pedagógica.

Mas, eu sei - e creio de todo o meu coração - que nenhuma dessas teorias abrange toda a realidade de quem são as crianças e de como elas funcionam. Só existe um livro que, de fato, consegue ser totalmente certo, e esse é a Bíblia. E eu digo isso por uma lógica simples: quem melhor do que Steve Jobs para te explicar como funciona um MacBook?

Ninguém pode explicar a mim ou a você sobre como as crianças funcionam melhor do que Aquele que as criou. E Ele faz isso, falando sobre elas em Sua Palavra. E não só isso, Ele fala sobre como ensiná-las. Ele até mesmo explica porque elas choram e fazem manha e são, por vezes, difíceis.

Como eu poderia, então, riscar a Verdade absoluta e substituí-la com verdades humanas? Não o farei. Esse eBook trará muito do meu conhecimento pedagógico que cultivei durante os anos estudando a área, mas em nenhum momento esse conhecimento científico substituirá o conhecimento bíblico, ou se colocará sobre ele. Por acreditar na graça comum, creio que Deus dá sabedoria aos homens para descobrirem coisas através da ciência. Acredito que muito do que aprendi nos livros pedagógicos e psicológicos é válido por ser conhecimento que simplesmente explica seres criados por um Deus incrivelmente criativo. Mas, se em algum momento, enquanto escrevia, eu tive dúvidas acerca de algum conceito, eu me voltei à Palavra e não às ciências falíveis. Esse é, acima de tudo, um eBook sobre preceitos bíblicos para ser usado em um ministério da igreja, com ovelhinhas do Bom Pastor.

Te encorajo a fazer o mesmo: se em algum momento de seu serviço no ministério infantil você se deparar com uma situação com a qual não saiba lidar, que te angustia e aflige, não corra para livros ou vídeos ou artigos como primeira opção. Corra sempre primeiramente para a Palavra. Deus prometeu que, se nós pedíssemos por sabedoria, Ele nos daria livremente e de boa vontade (cf. Tiago 1:5). Esse pequeno e humilde eBook jamais substituirá a melhor fonte de todas sobre a infância (e sobre qualquer outro assunto, na verdade) - a Bíblia.

Para quem é esse eBook?

Minha oração é que esse pequeno e rápido eBook possa alcançar você, que um dia começou nesse ministério cheio de vigor, mas foi, pouco a pouco, cansando. Quero também alcançar você, que já considerou começar nesse serviço, mas desistiu por medo de não ser capaz. E por fim, quero trocar ideias com você, que talvez está nesse ministério há mais anos do que eu tenho de vida. A vida cristã é isso: um ajudando o outro a crescer, um levantando o outro que caiu. Afinal de contas, *“É melhor ter companhia do que estar sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se.”* (Eclesiastes 4:9,10)

Vamos ajudar os cansados a levantarem-se e recomeçarem! Vamos ajudar os que estão começando a persistir! E vamos ajudar os que já estão servindo há muito tempo a renovarem seu fôlego!

Enquanto você se junta a mim nessa intenção de mostrar Jesus e o amor dEle às crianças, junte-se também a mim em oração, e peça que Jesus nos esclareça a mente e nos dê de Sua graça para que consigamos servir aos pequenos da maneira que Ele quer que façamos: intencionalmente e com dedicação.

Vamos?

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, (...) se é ensinar, que haja dedicação ao ensino.” Romanos 12:6,7 (ACF)

Capítulo 1

Eu? No Ministério Infantil?

Imagine a cena: eu, abaixada no chão, um joelho para cima e outro tentando equilibrar o peso do meu corpo todo. No joelho que está para cima senta uma criança de 3 anos que chora de saudade da mãe, o nariz escorrendo e o olho vermelho. No meu outro braço um pequeno de 4 anos me abraça e chora porque um colega bateu nele. Com o canto do olho eu consigo ver um terceiro que corre atrás de um amiguinho, que grita para ele parar. Enquanto isso, recebo uma quinta criança, que já chora só de pensar que tem que dizer adeus à mãe. Por fim, uma sexta criança chega pulando, segurando as calças e implorando para que eu a ajude a ir ao banheiro, pois está muito apertada.

E tudo isso nos primeiros cinco minutos da aula.

Eu compreendo porque, possivelmente, a pergunta título desse capítulo seja sua resposta automática quando alguém resolve te oferecer um cargo no ministério infantil. Eu? Cercado de crianças pulando e gritando e dando trabalho? Não, obrigado.

Não te culpo. Eu acredito sinceramente que Deus nos deu dons diferentes justamente porque Ele nos criou como pessoas individuais e únicas, com vontades e aspirações diferentes. Pode ser que você simplesmente não goste muito da ideia de trabalhar com crianças, e esse realmente não seja seu chamado.

Uma amiga minha certa vez escreveu um texto justamente sobre isso, sobre não sermos obrigados a servir em ministérios para os quais não nos sentimos vocacionados, nos quais não nos sentimos bem. A igreja é composta de várias áreas e com certeza é possível que você encontre muitas nas quais pode ser útil: no coral, no louvor, no acolhimento, nos jovens, nos acampamentos, nas mídias, entre outros.

Entretanto, posso te pedir um favor? Já que você baixou esse eBook e se dispôs a tentar lê-lo, gostaria que você também se permitisse abrir o coração e pensar que, por vezes, teremos que nos envolver em lugares onde não estamos exatamente confortáveis. Talvez sua igreja seja pequena e precise que você se envolva em mais

de um ministério, possivelmente até naqueles que não te atraíam tanto. Ou pode ser que o Senhor queira te ensinar sobre fazer coisas difíceis, desafiadoras, e por isso você precise ponderar mais sobre servir em um ministério que não seria sua primeira opção natural.

Deixa eu te dar meu exemplo: se tem algo que me assusta é a possibilidade de servir em algum ministério que me obrigue a conversar com estranhos ou fazer algo em frente a um grande público. Eu sempre fui muito envergonhada, especialmente quando me pedem para cantar em público - minhas pernas tremem, minha voz não sai e eu passo a maior vergonha! Entretanto, em 2015, eu fui convidada a participar de um ministério em minha igreja local na época, chamado Juventude Acolhedora. Basicamente o que fazíamos era convidar os visitantes da igreja a se reunirem após o culto de domingo à noite em nosso salão social, com o intuito de estarmos com eles, conversando, os conhecendo e acolhendo. Para mim foi um desafio e tanto dizer sim! Eu, que morro de medo de conversar com gente nova. Eu, que prefiro mil vezes somente ir ao culto e ir embora rapidinho, sem ter que falar com ninguém. Eu, a introvertida.

Foi aí que eu senti como se o Senhor estivesse dizendo *“Francine, é exatamente aí que eu te quero: no lugar que você mais tem medo, assim você aprenderá a depender de mim totalmente”*.

Eu sei que pode ser difícil dizer sim para um ministério tão fora da sua zona de conforto. Mas, eu quero que você creia no seguinte: você, sozinho, não é capaz de nada. Posso repetir, dizendo isso com todo amor que sinto por você? Você, sozinho, não é capaz de nada. De nada mesmo. Se você se considera um bom cantor, saiba que sem Deus você não canta nada. Se pensa ser um bom pregador, saiba que longe de Cristo suas palavras são vazias.

E ao mesmo tempo que isso é assustador é também maravilhoso demais! Eu não sou nada. Eu não posso nada. E isso tira todo o peso que eu colocava em meus ombros! É por Cristo, em Cristo, com Cristo que servimos no ministério infantil. Pela capacidade dEle. E na capacidade dEle você pode qualquer coisa.

Sabe o que foi mais interessante em dizer “sim” para aquilo que eu não queria e não me sentia vocacionada, ali na minha igreja? É que depois eu acabei amando servir naquela área! Eu me sentia bem e me sentia à vontade, justamente porque estava servindo e aprendendo a crescer. Justamente porque o fiz na força de Cristo, e Ele foi fiel em agir através de mim.

Era uma situação comum em minha vida eu olhar para mim mesma e me sentir imatura, incapaz e inútil. Todo mundo parecia mais talentoso, mais capaz. E todo dia eu pedia ao Senhor que me ajudasse a crescer, a ser menos imatura, menos egoísta. E sabe o que descobri? Que crescer envolve muito desconforto, muitos desafios e muito “fazer o que eu não quero”. Talvez você evite o ministério infantil por se sentir incapaz. Mas, Deus te quer justamente ali para te moldar, te quebrar, te refazer, até que você seja capaz - na força dEle.

Eu não sei qual a sua situação. Mas, posso te pedir uma coisa? Ore. Ore e peça ao Senhor direcionamento e clareza sobre onde você pode servir, onde pode ser mãos e pés dEle nessa Terra. E mais do que isso, peça que Ele te desperte para o desconfortável, para o sacrifício, para o serviço difícil. E esteja pronto para receber isso! Peça por ombros mais fortes e saiba que Ele te dará mais peso.

Talvez você nunca se envolveu com o ministério infantil simplesmente porque tem medo de não dar conta, medo de não ser suficientemente capaz. Eu peço que você dê uma chance a esse eBook, leia com atenção, e tente, aos poucos, compreender se servir aos pequenos da sua igreja pode ser uma opção para você. Não é nenhum contrato. Seja qual for sua situação atual em relação ao ministério infantil, ao final do eBook ainda será sua escolha, sua em parceria com o Pai.

Eu não prometo te dar respostas. Mas, eu prometo que acredito em você. Não porque eu ache que você seja capaz, mas porque eu creio, com todo o meu coração, que Cristo é capaz. Por isso, eu vou tentar ao máximo, com as capacidades que o Senhor me deu, mostrar para você como o caminho para servir no ministério infantil pode ser mais fácil se nós simplesmente compreendermos alguns conceitos, aprendermos com algumas dicas, e acreditarmos mais na capacidade de Cristo e menos na nossa.

O cerne, a essência desse eBook é essa: Jesus é capaz, você não é, eu não sou. Eu quero te desafiar a ver o precipício, ver a sua incapacidade, e pular sem medo, sabendo que Ele é forte o suficiente para te segurar. Ele pode te dar força e capacidade além do que você jamais imaginou. Deus quer servos que se dispõem a servir. Imagina o que Ele pode fazer com pequenos e simples servos que clamam *“Senhor, eis-me aqui. Eu não sei nada de crianças, eu não consigo ensiná-las, mas estou aqui. Creio no Teu poder na minha fraqueza. Me usa. Me usa. Me usa. No poder do nome de Jesus eu peço.”*

Meu coração quase salta do peito de pensar em muitos orando essas palavras. **QUE REVOLUÇÃO O SENHOR PODE FAZER!** E sabe, minha proposta não é te dar lições prontas ou um bê-a-bá de como dar as aulas. Não vou te dar tudo o que precisa - você ainda vai precisar da sabedoria dos outros professores da sua igreja, das pessoas mais velhas que estão nesse serviço há mais tempo, e de livros muito mais completos que esse. Mas eu espero e oro que ao final dessa leitura você esteja ciente do poder de Cristo em te fazer útil. E que, na prática, esteja capacitado a pensar nas suas próprias aulas, ter mais direcionamento sobre como agir e sobre como ensinar, caso sua escolha seja servir nesse ministério, realmente.

Então, abra seu coração, sente, relaxe, leia, ore e depois decida.

E posso te contar um segredo? Aquele cenário lá do começo do capítulo é realmente assustador! Quando acontece eu acho que vou explodir, ou que vou sentar e chorar. Imagina que lindo: as crianças chorando e a professora também. Mas, por mais exaustivo que seja às vezes, basta um sorriso sincero, um abraço apertado, um beijinho gostoso... Basta ver que os pequenos estão entendendo sobre Cristo... E tudo parece fazer sentido: todo serviço, todo planejamento, todo esforço. E então a gente enche o coração de coragem, arregança as mangas e vai para mais um dia de serviço, sabendo que fazemos para Ele, com amor.

“Servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens. Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer.” (Efésios 6:7,8)

Na prática

Peça ao pastor de sua igreja, ou ao líder do ministério infantil, se você pode passar alguns dias apenas observando o trabalho deles. Diga que está lendo um eBook sobre esse ministério e que gostaria de ter uma ideia de como ele funciona. Vale sentar no cantinho da sala e só observar, mesmo. Vale tentar ajudar também. Conforme funcionar melhor para vocês. Esse exercício, ainda que feito em apenas um dia, pode abrir seus olhos para como esse ministério funciona em sua igreja e como um todo. Talvez você descubra a alegria que existe junto aos pequenos!

Quando fizer isso, ore muito antes e peça que Deus abra seus olhos para ver essas crianças como Ele vê - como pequenas almas que precisam dEle hoje.

Capítulo 2

Por que ensinar os pequeninos?

Eu tenho um pedido: feche os olhos por alguns segundos e pense em um grupo de pessoas.

Pronto? Promete que fez?¹

Muito bem, deixa eu te perguntar uma coisa agora: nesse grupo de pessoas que você pensou... Tinha alguma criança? Bom, pode ser que tinha, afinal de contas você está lendo um eBook sobre crianças, e talvez seu subconsciente tenha te ajudado. Mas, a verdade é que, em um contexto aleatório, nós provavelmente não incluiríamos crianças em nosso pensamento. Por quê?

De acordo com Larry Fowler, autor do livro “Crianças Firmadas na Rocha”, nós não incluímos crianças em nosso pensamento porque não as vemos como *pessoas*. Elas estão simplesmente na categoria de, bem, crianças. É como se isso as encaixasse em uma categoria completamente independente e separada.

Quando vemos o texto de Marcos 10 percebemos o quanto Jesus valorizava as crianças. Quando os discípulos as rejeitaram e as viram como empecilhos, Jesus as viu como preciosas e importantes. Ele abriu Seus braços para elas, e não só fez isso, como nos ordenou que fôssemos mais como elas.

E nós, como temos visto as crianças de nossas igrejas?

Algumas igrejas compreendem que o ministério infantil serve somente como um “depósito” de crianças, ou seja, é uma salinha no fundo da igreja onde colocam todas as crianças assistindo a algum filme ou brincando de alguma coisa enquanto os pais ficam no templo, assistindo ao culto sem perturbações e distrações. Essa visão nos mostra nossa própria falta de compreensão daquilo que o Senhor Jesus deixou bem claro: crianças não são empecilhos. Crianças são bênçãos, são exemplos, e precisam ser vistas e tratadas como tal.

Por outro lado, algumas igrejas enxergam as crianças somente como o futuro da

¹ Ideia original do livro “Crianças Firmadas na Rocha: Fornecendo às crianças uma base bíblica para a vida”, de Larry Fowler (Editora Batista Regular).

igreja, os futuros membros. E, de certa forma, isso é verdade. Entretanto, o perigo com essa definição é que parecemos nos esquecer de que elas *já* são alguém, hoje e agora. Não podemos reduzir nossa visão dos pequeninos ao que queremos que eles sejam amanhã, como se elas já não fossem dignas de valor e atenção hoje. Se não focarmos e nos preocuparmos com sua formação hoje eles não serão o que gostaríamos que fossem amanhã e o futuro da igreja e da sociedade estará nas mãos de adultos despreparados.

E então é aí que está o motivo de ser tão importante ensinar os pequeninos - eles são pessoas, e não empecilhos, que precisam ser valorizadas *hoje*. Foi assim que Jesus as viu e é assim que precisamos vê-las também.

O ministério infantil é necessário e importante para educar crianças na Palavra de Deus, para que, ainda crianças, elas entendam quem é Jesus e o que Ele fez por aqueles que creem em Seu santo nome. Elas podem compreender. Elas são capazes de mais do que simplesmente sentar e assistir a um DVD infantil. Mas, precisamos acreditar nisso. Precisamos acreditar na capacidade desses pequeninos, como Jesus fez.

Mas... Qual a definição de ministério infantil?

Existem muitas frentes de trabalho nas igrejas e instituições cristãs quando pensamos em atuação com crianças: EBD (Escola Bíblica de Domingo - ou Dominical), EBF (Escola Bíblica de Férias), Culto Infantil, Coral Infantil, oficinas para a comunidade, evangelização em escolas, evangelização através de esportes, etc. Na minha opinião, todas essas atividades podem se encaixar na definição de ministério infantil, pois para mim ele nada mais é do que *um serviço intencional e planejado que objetiva o ensino da Bíblia a crianças e pré-adolescentes*. Então seja ele feito dentro da igreja, na comunidade, em escolas, ou outros ambientes, o considero ministério infantil, desde que se encaixe nessa definição.

As igrejas evangélicas não mantêm um padrão que pode ser encontrado em todas: as Batistas se diferem das Presbiterianas, que se diferem das Congregações, que se diferem das Assembleias... E isso não só na questão doutrinária, mas na prática também. Por isso, é difícil dizer que para os evangélicos o ministério infantil seja X ou Y, porque não somente as denominações diferem entre si, como dentro de uma mesma denominação pode haver muitas diferenças. Peço que você mantenha em

mente que o que estiver escrito nesse eBook pode se diferenciar do projeto da sua igreja local.

Portanto, creio que seja imprescindível que você conheça a abordagem prática de sua igreja em relação ao trabalho com crianças. Meu objetivo com esse eBook é capacitar você para servir melhor nesse ministério, mas não creio que para isso você precise fazer as coisas exatamente como eu as proponho. Não quero que você leve esse eBook a seus pastores e diga: *viu só, ela faz diferente! Nós estamos fazendo errado*. Tome cada capítulo desse eBook como uma diretriz, nunca como regra.

Pais ou professores?

Eu sempre gosto de dizer: o que é bíblico é bíblico e precisa ser padronizado, e o que não é tem abertura para ser debatido. Penso que no caso do ministério infantil, o que é bíblico e indiscutível é que as crianças precisam ser ensinadas na Palavra primeira e principalmente pelos pais (ver Dt. 6:6-7, Ef. 6:4). Essa é a base.

Todavia, assim como eu vejo acontecendo nas escolas seculares, dentro da igreja a responsabilidade da educação dos pequenos tem sido, muitas vezes, “terceirizada”. Vemos pais entregando aos professores da Escola Dominical, ou dos serviços com crianças, essa tarefa, e “lavando suas mãos”.

É claro que existem muitos contextos diferentes nessa temática e para os propósitos desse eBook, não pretendo me aprofundar neles. Mas, eu sei que existem situações de pais incrédulos ou ausentes. Nesse caso, creio que cabe sim à igreja responsabilizar-se de que esse pequeno esteja recebendo de Cristo. E cabe também um interesse profundo pela família dessa criança, de modo a trazê-la para Cristo. Não é correto que a igreja também se abstenha das responsabilidades de ensinar essa criança, uma vez que os pais já não o fazem.

Minha conversão é fruto disso. Meus avós, quando jovens, moravam em uma cidade bem pequena do interior de São Paulo. Um grupo de missionários estadunidenses se instalou ali e começou um trabalho muito bom de evangelização de crianças, propondo atividades a elas na comunidade. Primeiramente foi meu tio mais velho quem participou, e se converteu ali. Logo em seguida, os outros tios e meu pai. E isso aproximou meus avós da igreja, sendo que logo eles também ouviram do Evangelho e foram convertidos a Cristo.

Ver o interesse daqueles missionários em seus filhos e a mudança que Jesus fez na vida de seus pequenos foi o que aproximou meus avós do Senhor. Por isso creio que a igreja não pode lavar as mãos. Ela precisa é arregaçar as mangas e ensinar, com afinco, as crianças que Deus leva até ela, ainda que os pais não se façam presentes. E precisa mostrar interesse genuíno na família, estando em contato com eles sempre que possível.

Mas, novamente, caso os pais sejam convertidos, é papel prioritário deles o ensinar de Cristo. É no lar que a Bíblia precisa ser estudada, e é ali que a vida cristã é vivida com intensidade e verdade. As crianças precisam olhar para seus pais como exemplos de vida cristã, e caráter cristão genuíno. Como professor do ministério infantil, você precisa lembrar os pais disso, caso seja necessário. Volte sempre a responsabilidade maior a eles, pois foi a eles que Deus a entregou.

As frentes de trabalho com crianças

Eu gostaria agora de tentar explicar um pouco sobre cada tipo de trabalho que o ministério infantil abrange, e as possibilidades de cada um. Novamente, pode ser que existam versões diferentes das descritas aqui, ou atividades que nem serão citadas, mas esse é um panorama geral.

Escola Bíblica Dominical: É um momento focado no ensino - geralmente existe uma separação em classes, divididas por faixas etárias. Realmente uma espécie de escola - com professores, alunos, currículo, chamada, etc. Acontece semanalmente, aos domingos, geralmente pela manhã (novamente as diferenças entre igrejas: algumas têm cultos pela manhã e à noite, aos domingos, e algumas não). A EBD, como é geralmente chamada, pode ocorrer após a pregação pastoral normal do culto ou anterior à ela. Eu também já vi igrejas que fazem a EBD somente com as crianças, simultaneamente à pregação, que é dada só para os adultos. Essa prática é muito comum nos EUA. No Brasil, o que sempre vejo é uma EBD que separa adultos e crianças, onde ambos têm suas classes. Mas, a divergência mais comum por aqui vem na questão da pregação pastoral: algumas igrejas substituem a pregação pelas aulas, não havendo mensagem pastoral, e geralmente o pastor ministra aulas em alguma classe. Na minha igreja do Brasil, temos a pregação pastoral primeiro, e a divisão de salas depois - e tanto os adultos quanto as crianças participam de ambos. Na minha igreja dos EUA apenas as crianças têm aulas, durante a mensagem pastoral para os adultos.

Escola Bíblica de Férias: Ocorre nas férias escolares de Julho ou Dezembro/Janeiro. Geralmente é mais um projeto de evangelização da comunidade do que focado na igreja em si. O convite é aberto à vizinhança e aos amiguinhos das crianças que frequentam a igreja. Pode ser de dois, três dias ou até uma semana! Envolve muita diversão: brincadeiras, músicas, jogos, teatros, lanche... Além, é claro, das lições bíblicas ou missionárias (ou ambas). Geralmente as EBFs, como são conhecidas, têm um tema e as lições se dão ao redor dele. Para mim, é um trabalho de extrema importância nas igrejas, pois as férias são um momento muito propício para o trabalho com crianças: elas estão em casa, geralmente entediadas, e quando ouvem de um lugar onde terão lanche, brincadeiras e diversão, logo se animam em participar. É uma linda maneira de evangelizar e atrair não só as crianças, mas as famílias da comunidade local - geralmente os pais ficam felizes ao ver o interesse da igreja em acolher seus pequenos para um momento assim. É comum vê-los deixando ou buscando as crianças das EBFs com um sorriso no rosto, e essa é uma ótima oportunidade da igreja mostrar interesse por seu bairro e sua comunidade.

Coral Infantil: Algumas igrejas, geralmente as maiores, mantêm um grupo de coral infantil para apresentações ocasionais. Os ensaios podem acontecer durante os cultos - em uma parte do Culto Infantil, ou em um momento específico semanal. E, é claro, é sempre muito bonitinho ver as crianças se apresentando.

Oficinas: Já vi algumas igrejas que propõem oficinas artísticas para as crianças da vizinhança - seja de música, de confecção de brinquedos, de pintura, de teatro, etc. Esses momentos não precisam, necessariamente, envolver uma mensagem bíblica. Mas, é uma forma de servir à comunidade local e proporcionar às crianças a oportunidade de saírem das ruas e de conviverem com cristãos (e quem sabe não é a porta de entrada para um momento de evangelização mais intencional?).

Atividades esportivas: Seguindo a mesma proposta das oficinas, as atividades esportivas são uma outra oportunidade de convívio com cristãos. Já vi projetos muito sérios que fazem esse trabalho, especialmente com o futebol, para evangelizar e discipular meninos da comunidade.

Evangelização nas escolas: Algumas escolas abrem suas portas para que um cristão tenha um momento para compartilhar do Evangelho com os alunos. Até mesmo algumas escolas públicas fazem isso, especialmente nos anos finais - ensino fundamental II e médio. Acredito que muitas direções escolares permitem isso com um intuito de introduzir algum tipo de moralidade a essas crianças e pré-adolescentes, e cabe a nós aproveitar esses momentos para ensinar não somente

regras de conduta, mas especialmente sobre Jesus e Sua morte por pecadores.

Culto Infantil: Geralmente o Culto Infantil acontece simultaneamente à pregação pastoral - assim que a mensagem começa, as crianças saem para ter seu momento, pode ser aos domingos ou em qualquer outro dia de culto que a igreja tenha. Sei de algumas igrejas que fazem uma programação especial para as crianças em um dia que não tem culto regular da igreja. Cada igreja se diferencia na prática, mas o que eu conheço é um momento onde os pequenos louvam com músicas, ouvem uma mensagem (lição) que pode ser bíblica ou missionária, oram, e fazem alguma atividade final para memorização da mensagem - ou seja, bastante parecido com o culto “dos adultos”. A faixa etária para o Culto Infantil varia muito: pode ser somente para o berçário; para as crianças menores que 6, 7 anos; ou para todas as crianças, até a idade de 10, 12 anos.

Culto Infantil: ter ou não ter?

Existe muita divergência quanto ao Culto Infantil. Eu já ouvi pessoas que respeito muito se posicionando contrariamente a ele. Esses irmãos defendem que as crianças precisam ficar no culto, junto com os adultos, para aprenderem a se disciplinarem quietas, e ouvir a Palavra. Essas pessoas creem que as crianças podem entender a mensagem que o pastor prega, e que é imprescindível que elas estejam junto à igreja durante esse momento para sentirem-se parte da igreja e compreenderem como ela funciona - suas liturgias, costumes, etc.

Por mais que eu concorde com parte desse discurso, não consigo concordar por completo. E aqui peço que compreendam que essa é minha opinião pessoal - novamente, não é a regra. E encorajo vocês, inclusive, a pesquisarem um pouco sobre essa visão para formarem suas próprias opiniões.

Entretanto, o que creio, como Pedagoga, é que as crianças pequenas não conseguem compreender a linguagem utilizada na mensagem pastoral, o que faria com que apenas parte - ou nada - do conteúdo bíblico fosse apreendido por elas. Penso que a beleza do Culto Infantil está justamente nisso: a lição é dada em uma linguagem que as crianças compreendem, com ilustrações que fazem sentido ao mundo e cognitivo delas.

Eu tenho um exemplo: um de meus tios se converteu, quando criança, por causa de um Culto Infantil. Enquanto seus pais estavam no salão da igreja, ele e os

outros pequenos se dirigiram à uma salinha separada. Ali eles aprenderam com uma ilustração sobre o amor e cuidado de Deus que, se não me engano, era algo sobre galinhas e como elas cuidam de seus pintinhos, colocando-os debaixo das suas asas. Para meu tio, uma criança pequena, aquela ilustração fez todo o sentido, e ele compreendeu naquele dia sobre o amor de Deus como Pai. Eu me pergunto: será que se ele estivesse no culto normal, ele teria apreendido essa preciosa lição? Será que o Evangelho teria alcançado seu coraçãozinho? (E aqui cabe pontuar que eu creio em um Deus Soberano que o teria salvado de qualquer maneira, mas é importante ponderar a nossa responsabilidade em evangelizar da maneira mais compreensível ao público.)

Por causa dessa compreensão de que os pequenos precisam de uma linguagem deles, que eu defendo o Culto Infantil.

Mas, aqui cabem duas ponderações extras.

Em primeiro lugar, de maneira nenhuma eu defendo um Culto Infantil que sirva com o propósito único de “tirar a distração que as crianças são” do culto normal. Vimos isso no começo desse capítulo: o ministério infantil não é um depósito onde colocamos as crianças para que elas parem de atrapalhar o culto. Não é a salinha onde elas ficam brincando e vendo filmes. Se vamos tirar os pequenos do culto normal, então é imprescindível que eles também participem de um culto - ainda que na linguagem deles - com orações, louvores e lição bíblica. E é necessário que eles aprendam a disciplina e a reverência que um culto precisa ter, ainda que sendo Culto Infantil.

Em segundo lugar, eu acredito que somente as crianças pequenas devam sair para ter esse momento específico. E aqui eu faço a linha limite na idade de 6, 7 anos. Para mim, as crianças maiores que isso conseguem apreender bastante da mensagem pastoral, o suficiente para compreendê-la.

E aqui tenho meu ponto de convergência com os que não gostam do Culto Infantil: assim como eles, eu acredito que as crianças precisam conviver nos momentos da igreja, para sentirem-se parte dela e de suas práticas. Não é positivo que as crianças pensem ser de uma “igrejinha” dentro da igreja. Se salvas, elas são parte da Igreja, com “i” maiúsculo, e precisam entender isso. Por isso defendo que as crianças maiores e os pré-adolescentes participem do momento normal dos cultos - para compreenderem o que é ser igreja.

Dessa maneira, pessoalmente, eu defendo o Culto Infantil, desde que seja feito intencionalmente, com o objetivo de ensinar os pequenos sobre Cristo, e não de separá-los dos adultos para que não sejam uma “distração”.

Esse eBook trará, então, alguns pensamentos e diretrizes, e até algumas possibilidades mais práticas, para te ajudar com o ministério com crianças - independente de qual seja a sua frente de trabalho.

Querido leitor, eu oro para que seu coração seja encorajado a começar em algum lugar, seja como ajudante do Culto Infantil, como um voluntário nas escolas públicas, ou até mesmo como um professor de futebol. Nossas crianças precisam de Cristo e eu quero crer que você se levantará para dizer *“Eis me aqui, Senhor! Envia-me a mim.”*

Na prática

Ore com muita intencionalidade pedindo ao Senhor que te conduza a compreender qual a frente de trabalho que mais precisa de sua ajuda, no momento. E ore confiando que Ele abrirá seus olhos e abrirá portas para oportunidades que talvez você nem tenha imaginado possíveis. Pode ser que Deus te conduza a começar um ministério evangelístico com as crianças da vizinhança da igreja, através dos esportes; ou que abra as portas para um evangelismo nas escolas.

Apenas ore e se faça disponível ao Senhor, e deixe Ele te mostrar as maravilhas que o poder dEle faz através de pecadores dispostos a servir.

Capítulo 3

Como ensinar os pequeninos?

Tem uma coisa que acontece frequentemente comigo, e que eu odeio. Eu pego o celular com o objetivo de mandar uma mensagem a alguém sobre algo específico, e de repente vejo algumas notificações que aguardam minha atenção no aplicativo do WhatsApp. Checo as mensagens, rio, respondo, mando áudio. Depois dou uma olhadinha no Instagram. Poxa vida, minha amiga está grávida - preciso mandar mensagem parabenizando-a! Abro o WhatsApp de novo. Em seguida, volto pro Instagram. Aquela editora que eu gosto está com livros com 50% de desconto? Abro o site deles no navegador e faço uma compra. Por fim, corro os olhos pelas últimas atualizações do Twitter. Leio os comentários engraçados de algum comediante famoso e vejo alguns links para artigos no Desiring God. Marco alguns para ler depois. E aí paro e penso “*hm, o que eu ia fazer mesmo?*”. Não lembro, dou de ombros, coloco o celular de lado, continuo a vida. Resultado: não mandei a mensagem que precisava ser mandada (e geralmente era para minha mãe para avisá-la que cheguei viva em algum lugar, e agora tenho que lidar com a braveza dela...).

Um dos maiores males dessa era (não deve ser só comigo!) é a falta de foco, a não produtividade, a *procrastinação*. Conhece? A famosa arte de deixar para depois o que você podia (e devia) estar fazendo agora? Eu sou muito boa nisso. Por vezes escolho coisas não essenciais na minha vida ao invés de escolher o que é vital, necessário. Isso acontece com frequência e Deus sabe como oro todas as manhãs para ter mais diligência.

Entretanto, por muito tempo, a procrastinação impediu que eu me dedicasse ao ministério de ensinar e o fizesse com excelência. Nós fomos chamados a fazer tudo com o máximo de zelo e eu vejo isso na Palavra, quando ela diz “*Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens.*” (Cl. 3:23) Quando eu paro para pensar no que significa fazer como para Deus... Isso é tremendo! Significa, no contexto do ministério infantil, que quando estamos naquela salinha, com aqueles olhinhos nos mirando e ouvidos atentos à história que vamos contar, estamos fazendo isso PARA DEUS. Ele está ali e Ele espera nosso melhor nesse serviço. O quão forte é isso?

Lembra quando eu disse, em um capítulo anterior, que o que fazemos, fazemos na força e capacidade de Cristo? Isso não significa, de maneira nenhuma, que não precisamos fazer bem feito. Pelo contrário, a força de Cristo em nós é que nos dá a capacidade de não só servir, mas fazê-lo com *excelência*.

O Evangelho nas lições

Quando eu digo “Evangelho”, eu quero dizer as boas novas, a história de Cristo, o nascer do Cordeiro e o plano de salvação através de Sua morte e ressurreição. Absolutamente *toda* e qualquer história precisa introduzir esse conceito. Essa é uma diretriz essencial para um professor que queira cumprir bem seu papel no ministério infantil.

Se você tiver que lembrar de somente uma coisa desse eBook todo, gostaria que se lembrasse disso: Jesus Cristo e Seu sacrifício redimidor precisam ser apresentados às crianças em toda oportunidade de aula que tivermos.

Para ajudar, vou tentar exemplificar para vocês como fazer a introdução do Evangelho em qualquer história.

Há alguns anos fui para a Bolívia em uma curta viagem missionária e lá contamos a história de José do Egito, uma vez que a questão da prisão fazia parte da realidade das crianças do orfanato que visitamos (seus pais estavam presos).

Em uma das lições ensinamos às crianças a parte da história em que José vai trabalhar na casa de Potifar. Como introduzir o Evangelho nessa lição? Para mostrar isso, gostaria de compartilhar com vocês todo o nosso planejamento da lição (você verá como criar uma lição como essa no próximo capítulo). A parte em **negrito** é o Evangelho. Busque perceber como o introduzimos:

Lição: José na casa de Potifar

Versículos: Gênesis 39: 1-21

A. José é vendido a Potifar (v. 1)

Depois que seus irmãos o venderam, os comerciantes levaram José ao Egito, uma terra muito longe de Canaã, onde vivia a família de José. (Mostrar mapa, se possível) Ali ele foi vendido a um homem chamado Potifar, um oficial do exército. José trabalhou como um escravo ali, e não recebeu nada em troca de seu trabalho. Você consegue imaginar? Isso deve ser muito difícil e triste.

B. O Senhor estava com José (v. 2)

Mas apesar deste momento tão difícil na vida de José, a Bíblia nos diz que o Senhor estava com ele e o permitia prosperar em tudo que fazia. Potifar gostava muito de José e o colocou como servo principal em sua casa (v. 4). Portanto, o Senhor abençoou a José, aliviando-o do trabalho duro que os demais escravos tinham. E pelo amor que Deus tinha por José, a casa de Potifar prosperou (v.5)

C. Tentação: a mulher de Potifar (v. 7-19)

Mas, algo muito ruim estava prestes a acontecer. A esposa de Potifar, a Bíblia não nos diz seu nome, era uma mulher com intenções pecaminosas e más. Um dia ela convidou José a ficar com ela. O que ele faria? Ninguém estava olhando, ninguém estava por perto... Sabe, às vezes temos vontade de fazer coisas ruins, e as fazemos escondido, porque ninguém está vendo. Mas, foi isso que José fez? Não! A Bíblia diz que ele correu! Ele fugiu da tentação do pecado. **Vocês sabem o que é pecado? (Esperar as respostas e analisar as hipóteses). O pecado é algo ruim que está dentro de nós, desde o nascimento, e nos empurra a fazer coisas ruins e equivocadas. Só há uma maneira de ser salvo do pecado, sabe qual é? Através de Jesus. Você sabe quem é Jesus? Ele é o Filho de Deus, que veio ao mundo para morrer em uma cruz para que pudéssemos ser livres da culpa do pecado. Quando confessamos (falamos sobre) nossos pecados, Jesus é fiel para nos salvar de todos os nossos pecados pois seu sangue nos deixa limpos do pecado.** Mas, o que aconteceu depois que José fugiu da esposa de Potifar? Ela fez algo terrível! Ela mentiu. A mentira é outra consequência do pecado. Ela disse a seu marido que José é quem queria ficar com ela, e assim Potifar ficou muito bravo com José.

D. José vai para a prisão (v.20)

Assim, Potifar chamou os chefes da guarda e ordenou que eles prendessem José, apesar de ele ser inocente! E agora? O que vai acontecer? Será que Deus vai salvar José das mãos dos guardas? (Deixar que elas respondam)

Foi possível perceber a forma como introduzimos o Evangelho aqui? Não é nada complicado: basta encontrar a parte da história em que algum pecado é exposto e a partir dali “puxar” o Evangelho. Não só isso, podemos fazer de outras formas também - por exemplo, quando ensinamos sobre o Êxodo podemos falar sobre como éramos escravos do pecado; e quando ensinamos sobre o rei Davi, podemos introduzir que Jesus é nosso Rei.

Quando conseguimos introduzir Jesus e o Evangelho em todas as lições estamos dando aos pequenos a oportunidade de ouvir sobre a salvação, vez após vez, domingo após domingo. E não é esse nosso maior objetivo? Que eles conheçam a Cristo como Salvador?

A própria Bíblia aponta para Cristo, do começo ao fim. Gosto bastante de ver isso - como em cada livro, em cada história, existe uma simbologia que nos mostra Jesus: o Cordeiro de Êxodo que foi morto, cujo sangue aplaca o poder da morte; o cordão escarlate de Raabe que salva sua família, cuja cor nos lembra o sangue de Cristo; o redentor em Rute, na figura de Boaz; o noivo desejável de Cantares; no tratamento de Oséias à sua esposa infiel; entre outras histórias que poderiam ser citadas. É fácil apontarmos para Cristo com uma história da Bíblia, pois todas elas

têm um momento de redenção, um momento que aponta para um pecado/dor/sofrimento/dificuldade, ou que aponta para alguma figura de Cristo. Toda vez que esses momentos surgirem, podemos introduzir a Cristo e mostrar que Ele é a resposta para tudo.

Introduzir o Evangelho nas lições não é difícil. Basta que olhemos de perto e examinemos a história até achar esse cordão escarlate que a perpassa - Jesus Cristo.

O não planejamento

A partir do momento em que compreendemos a importância grandiosa que o ministério infantil tem aos olhos de Deus (conforme vimos no capítulo anterior), precisamos deixar de lado algumas práticas negativas que, infelizmente, são comuns de professores do ministério infantil. Uma das piores, creio eu, é a prática do não planejamento.

Eu mesma já fui culpada desse mal. Teve uma época em que eu servia nesse ministério enquanto estava na faculdade. Por vezes a correria da semana me impedia de separar um tempo para planejar a aula de domingo. E por vezes eu me esquecia mesmo. E outras vezes a Senhora Procrastinação roubava meu tempo livre. E então, minha solução era: alguns minutos antes da aula começar, eu corria para o fundo da igreja e dava uma olhada em qual era o tema daquela semana... *“Ah, a história de Zaqueu? Ok, sem problemas, essa é fácil.”*

Se formos sinceros, assumiremos que fazemos isso de vez em quando. E sinceramente? É de se esperar, uma vez que o ministério infantil não é um emprego, e sim um trabalho voluntário. Se pensarmos ainda que a maioria das pessoas que servem nesse ministério já é mãe, ou pai, e tem muitas outras obrigações, fica ainda mais compreensível a dificuldade de planejar as aulas de forma consistente.

Entretanto, o planejamento das aulas é imprescindível se quisermos fazer um trabalho positivo e que tenha impacto na vida das nossas ovelhas. A história é o momento crucial - aquele em que Cristo será apresentado. Mesmo que todo o resto de nosso momento com elas for ótimo - o lanche está gostoso, as brincadeiras são envolventes, a música é divertida - se a lição for mais ou menos e a mensagem não chegar ao coração delas, então todo o resto foi em vão.

Precisamos nos lembrar que o Ministério Infantil não é um depósito de crianças. É um ministério da igreja, e como em todas as outras ações que ocorrem na casa de Deus, o objetivo de estarmos ali é somente um: apontar as crianças para Jesus Cristo.

Pensemos assim: se o pastor precisa se preparar, e muito, para apresentar o Evangelho em todo culto, porque nós nos sentimos no direito de nos prepararmos pouco (ou não nos prepararmos) para o ministério infantil? Nós também temos a mesma missão: expor a Palavra e Cristo, na busca de levar os pequenos ao conhecimento da salvação que existe nEle.

E por isso todas as lições, sem exceção, precisam ter o Evangelho embutido nelas.

Capítulo 4

Como montar as lições

Agora que já compreendemos qual o objetivo das lições e como introduzir nelas o Evangelho, podemos pensar um pouco sobre a parte prática de como montá-las. A maioria das igrejas utiliza um material pronto, comprado de editoras cristãs, e eu recomendo que o façam, se for possível - isso facilita muito o trabalho dos professores. Entretanto, se essa for a escolha de sua igreja, esteja atento ao conteúdo desses materiais e à forma como as histórias bíblicas são ensinadas. Eu já me deparei com alguns materiais que ensinavam doutrinas que eu não creio serem bíblicas. Tenha certeza de que esses materiais estão de acordo com a declaração doutrinária de sua igreja local.

Algumas igrejas, por outro lado, podem optar por criar seu próprio material - seja por não se identificarem com nenhum material do mercado; pela falta de orçamento para a compra destes; ou pela vontade de ter seu próprio material, que seja personalizado de acordo com as necessidades da igreja em si. Talvez você que está começando a se interessar pelo ministério infantil queira ter um conhecimento maior de como criar lições do zero, caso algum dia isso se faça necessário no seu contexto, e eu creio ser muito válido que cada professor desse ministério saiba como montar uma lição. Por isso, quero apresentar a vocês apenas algumas diretrizes que, creio, iluminarão seu caminho nesse sentido. Com certeza não trarei uma fórmula que te permita criar um currículo completo da Bíblia toda, mas ao menos uma preparação básica para saber onde começar.

Exemplo de esquema de lição

Independentemente da forma que você decidir montar seu currículo - seja por temas ou por sequência bíblica (ou outra opção, como por exemplo, histórias missionárias), eu gostaria de te mostrar um esquema de lição que sempre me ajuda a planejar uma boa aula. Esse é um esquema teórico da lição, um documento que o professor escreve para si mesmo, para estudar e se preparar para a aula. Jamais leia a lição às crianças! Se nós que somos adultos ficamos entediados quando alguém lê uma palestra direto do papel, imagine os pequenos! Saiba ser dinâmico na hora da lição. As crianças ficam muito animadas e atentas a professores que sabem fazer barulhos nas horas certas, e que são bastante expressivos com seus gestos

e expressões faciais. Fale alto (sem gritar) e conquiste a atenção delas não pela disciplina forçada, mas pelo lúdico.

Esquema exemplo de lição

Lição número X : *Nome da lição*

Versículos: *Os textos bíblicos que serão usados nessa lição*

Objetivo do professor: *Aqui são explicadas quais as lições morais e históricas que pretende-se ensinar e o que é esperado que a criança saiba ao final da aula. É importante listar o que é esperado do professor, e o que é esperado das crianças.*

O professor pode voltar a esse tópico ao final da aula e conferir se alcançou seus objetivos. Esse momento de reflexão da prática é de extrema importância para o professor, pois o ajuda a melhorar suas aulas futuras e pensar no que é preciso ser mudado.

1. Introdução

A introdução deve ter um resumo da história anterior, de maneira a ajudar as crianças a se lembrarem da semana/aula anterior, e um pequeno resumo do que será visto hoje, sem que se revele muito da história.

É possível, também, introduzir perguntas instigantes, para que as crianças sejam atraídas à história. É aqui que utilizaremos recursos que eu gosto de chamar de “ganchos”, ou seja, qualquer tipo de material ou recurso que seja atraente e chamativo, para que as crianças fiquem atentas à história. Um bom exemplo disso é quando contamos a história de algum rei e começamos com um som de trombeta bem alto, ou quando mostramos um objeto relacionado à história e perguntamos sobre ele. Isso atrai a atenção dos pequenos.

A introdução deve ser breve.

2. Progresso:

É aqui que todo o conteúdo da história deve estar. Este é o momento central da aula - o desenvolvimento da história. Essa parte pode ser dividida em tópicos (A, B, C, etc.) de acordo com a divisão da história e dos versículos, de maneira a facilitar o ensino e também a compreensão da história pelos pequenos (essa divisão de tópicos não deve ser citada durante a história - é apenas um recurso para a organização do próprio professor).

Aqui serão utilizados todos os recursos materiais que estiverem à disposição: sons, fantasias, imagens, objetos, etc.

Esse momento deve ser objetivo e breve (a duração varia de acordo com a faixa etária das crianças).

É também nesse momento que devemos introduzir o Evangelho, como vimos no capítulo anterior.

3. Ápice:

Aqui teremos o ápice da história, e eu o uso no sentido de ser o momento que deixará no ar o que acontecerá na próxima história.

Essa parte depende muito de como o currículo for montado. Se a história de hoje é única, ou seja, sem continuação, então o ápice não é necessário. Mas ele se faz indispensável em histórias que são divididas e contadas em várias aulas. Assim as crianças se sentem atraídas à história e sentem a vontade de voltar na próxima aula para saber a continuação.

O ápice sempre termina com uma pergunta. Por exemplo: “vimos que a esposa de Potifar fez com que José fosse preso. O que será que vai acontecer? Será que ele vai fugir da prisão ou ficar lá? Será que Deus se esqueceu dele?”

Permita que as crianças formulem hipóteses sobre o que acontecerá na próxima lição, mas sem dar a resposta a elas; isso as envolve e aumenta sua curiosidade.

4. Final:

Aqui colocamos a conclusão da história, de forma sucinta e direta, para que as crianças compreendam exatamente o que foi ensinado.

É possível também lembrar o Evangelho que já tinha sido introduzido na lição, e introduzir o versículo a ser memorizado.

Esse exemplo de lição é apenas um recurso que quero que você tenha em mãos. Caso você já tenha um esquema que use, e que funciona para você, continue usando! O importante é fazer algo que funcione tanto para as crianças quanto para o professor, e também juntar dicas e sugestões de várias fontes para criar algo que

seja seu.

Temas x Sequência Bíblica

Primeiramente é preciso escolher qual será o parâmetro para se montar a sequência das lições. Existem duas formas mais comuns: por temas ou pela sequência bíblica. As editoras geralmente criam seus materiais seguindo a sequência por temas, como por exemplo: “Uma vida de vitórias”, ou “Deus cuida de mim”. A outra opção, a sequência bíblica, é montada de forma que as histórias sejam contadas de acordo com a sequência em que, de fato, aconteceram historicamente (sequência cronológica) ou na sequência em que foram narradas na Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, etc.). Vejamos as duas opções um pouco mais detalhadamente.

Sequência por tema

As lições por tema são escolhidas de acordo com um assunto central determinado. Por exemplo: “Deus nos guarda” é o tema escolhido. Dentro desse tema usamos histórias bíblicas como os espias e Raabe; Davi e Saul; os israelitas resgatados; o naufrágio de Paulo; etc. Histórias que não têm, necessariamente, ligação direta umas com as outras, mas têm o mesmo tema - que Deus cuida de nós em todo o tempo.

Esse tipo de sequência tem a vantagem de focar em uma só “lição-chave” a ser aprendida, nesse caso “Deus cuida de nós”. Esse foco pode facilitar a apreensão da moral pelas crianças, fazendo com que elas guardem bem essa verdade-chave por a escutarem repetidamente, semana após semana.

As desvantagens que eu vejo nesse formato, entretanto, são a fragmentação da Bíblia e o foco em histórias específicas, mais conhecidas (por exemplo: Davi e Golias, Esaú e Jacó, Moisés, José, a multiplicação dos pães e peixes, etc.) Esse conhecimento fragmentado é prejudicial ao aprendizado dos pequenos, pois os impede de entender a ligação da Bíblia como um livro total, que tem uma linearidade; e também os impede de compreender as pessoas bíblicas como pessoas reais, que tiveram uma história de vida, e não somente como personagens de um acontecimento momentâneo. Davi, por exemplo, acaba sendo lembrado pela batalha com Golias, mas dificilmente por todas as outras dificuldades e vitórias que ele vivenciou, e que fizeram dele um homem segundo o coração de Deus.

Outro problema que pode ocorrer é que possivelmente as crianças acabam ouvindo a mesma história várias vezes. Como as lições são divididas em temas a mesma história pode aparecer em diversos materiais, para ilustrar diferentes temas. Essa repetição pode tornar uma aula monótona para a criança que acaba “desligando” seu interesse ao ter que ouvir uma história ser repetida, com muita proximidade da outra.

Sequência bíblica

As lições por sequência bíblica se dão na sequência da ordem canônica (de Gênesis a Apocalipse); ou por ordem cronológica (ordem em que os livros foram escritos, historicamente). Essas lições não precisam incluir todas as histórias de forma minuciosa (não é necessário contar todos os relatos de Juízes, por exemplo), mas com uma visão geral, como se fosse um panorama da Bíblia. Para ser sincera, apenas uma vez eu presenciei um ministério infantil que fizesse isso, e foi o ensino mais eficaz que já vi em uma igreja.

O motivo pelo qual eu proponho o ensino da sequência bíblica como prioridade é para que, desde pequenas, as crianças que frequentam nossas igrejas saibam que a Bíblia é um livro contínuo, onde uma história segue e explica a outra, e onde todas, como vimos no capítulo anterior, apontam para Cristo. Dessa maneira, seria importante que todas as salas ensinassem a mesma história, mas de formas diferentes, adaptadas a cada idade. E por que isso? Para que no processo de passar as crianças de uma sala para a outra (por estarem crescendo) elas cheguem na próxima sala na mesma história que teriam na anterior, não ficando prejudicada, assim, a sequência.

Dar esse panorama mais abrangente ajuda as crianças a formarem em suas cabeças a noção de que os personagens bíblicos foram humanos como nós, que passaram por vales e montanhas, e que as coisas magníficas ou até sobrenaturais que aconteceram com eles foram apenas pela graça e força do Braço Divino.

Se contamos as histórias em sequência bíblica, montando um currículo coerente, nós podemos facilitar o entendimento das crianças do panorama geral da Bíblia, facilitando até mesmo a introdução do Evangelho, pois Jesus é visto de Gênesis até Apocalipse. Por exemplo: se contamos a história da vida de José e sua família e, na sequência, a de Moisés, nós podemos permitir que as crianças entendam que o povo de Deus havia sido escravizado no Egito porque Jacó e sua família se

mudaram para lá depois que descobriram José vivo e governando aquele país. Esse povo cresceu e muito se multiplicou (o que remete à promessa de Deus a Abraão, outra história que precisaria ter sido introduzida anteriormente). Por causa da grandeza do povo e por causa do novo Faraó que se levantou, que não conhecia José, é que Israel foi feito escravo no Egito. Se contássemos a história de Moisés sem essa conexão, esse panorama de fundo, as crianças ficariam sem entender a escravidão, fazendo com que isso fosse apenas um fato aleatório na cabeça delas.

Como Pedagoga eu aprendi que as crianças formam seu conhecimento por associações. Elas pegam todo seu conhecimento anterior e o atrelam ao novo, criando assim novos e mais evoluídos conceitos. Ao criar um espaço de aprendizagem onde as histórias bíblicas se complementam e têm linearidade, permitimos que as crianças as associem umas às outras, fazendo o aprendizado bíblico ser muito mais significativo.

Capítulo 5

As faixas etárias

Uma das maiores dificuldades que voluntários do ministério infantil têm é saber como lidar com crianças de diferentes faixas etárias. Se você já está nesse ministério há algum tempo, sabe que as crianças de 3 anos são muito diferentes das de 9, e que precisamos de técnicas e materiais diferentes para ensinar cada uma. Nesse capítulo veremos direções gerais para o ensino de cada faixa etária.

Divisão de salas: as peculiaridades de cada igreja

Antes de vermos as faixas etárias de forma específica, é preciso que comecemos nos lembrando que cada igreja é única. Não existe uma regra geral que vai ser perfeitamente aplicada a todas. E isso porque assim como eu creio que cada criança é única e especial, e deve ser respeitada em sua singularidade, também creio que cada igreja é única e precisamos trabalhar com suas singularidades.

O que quero dizer com isso? Bom, se você está em uma igreja de 1.000 membros, então sua realidade é bastante diferente da minha quando dava aulas em uma igreja de 50 membros - com 5 crianças na minha sala. Não só o número de crianças por sala será diferente, como a divisão das classes também será. Se sua igreja tem 10 crianças, de 0 a 12 anos, não faz sentido criar uma sala de pré-escolares, uma de juniores e uma de pré-adolescentes (fora a questão do espaço - muitas congregações não têm espaços físicos suficientes para essa divisão).

Quando não é possível fazer uma divisão

Pensando nisso, é necessário sermos realistas quanto às nossas situações. Não se preocupe muito caso sua sala tenha crianças de 3, de 9 e de 12 anos, todas juntas. Será mais complicado, mas há opções.

Você pode, por exemplo, separá-las na hora das tarefas, dando algo mais manual às crianças pequenas, e algo mais prático e profundo às crianças maiores. Também pode propor atividades que sejam interessantes a qualquer faixa etária, como brincadeiras e músicas. A grande dificuldade se daria na história, uma vez que as crianças pequenas tem uma atenção limitada, e as grandes conseguem focar por

mais tempo. O que eu te aconselharia a fazer é o seguinte: se você tem crianças pequenas e grandes na mesma sala, tente separá-las, ao menos para a hora da lição, caso isso seja possível. Peça a algum voluntário que possa te ajudar ficando com as menores, contando a história em 5-10 minutos, enquanto você foca na lição com os maiores, talvez em um outro canto da sala, ou outro espaço.

Se isso não for possível, que tal pedir aos mais velhos para ajudarem vocês no contar da história? Eles podem te auxiliar e geralmente amam isso! Você pode pedir que eles contem determinada parte, ou até que contem a história inteira, se eles estiverem familiarizados com a mesma, e você os auxilia quando errarem ou esquecerem alguma parte.

Posso te afirmar que isso funciona, afinal de contas, foi assim que eu comecei no ministério infantil - uma pré-adolescente de 12 anos, a quem foi confiada a tarefa de auxiliar no ensino dos menores. Isso me fez sentir digna e confiante de que se aquelas professoras confiavam em mim é porque eu era capaz de não só aprender essas lições, como também ensiná-las. E claro, não deixe de mostrar a esses pré-adolescentes que é somente pela graça e ajuda de Cristo que nós podemos ensinar, e o mesmo vale para eles. Você pode juntar-se a eles em oração, antes da aula começar, ou orar por eles, antes da lição, pedindo que o Senhor os dê a capacidade de ajudar os pequenos a aprender.

Esse senso de comunidade, de ajuda mútua, é extremamente válido e dá aos pré-adolescentes uma injeção de ânimo, além de ensiná-los sobre a comunhão do Corpo de Cristo, e sobre como nós nos preocupamos em encorajar e ensinar uns aos outros.

As faixas etárias

Se sua igreja têm espaço físico e um número suficiente de crianças para fazer uma divisão por salas, segue uma ideia geral, bastante resumida, de como as crianças são, biológica e psicologicamente, em cada idade. Essas ideias poderão te ajudar a lidar com os pequenos, pois uma vez que sabemos o que eles são capazes de fazer, como funcionam e como pensam, nossos planejamentos de aula podem ser mais intencionais.

Não se esqueça: essa divisão das faixas etárias que eu fiz é muito subjetiva. Graças à criatividade de Deus, as crianças são muito individuais e cada uma se desenvolve

a seu tempo. Por isso, seja flexível com os dados que eu passar aqui: pode ser que o que está escrito para crianças de 4 a 6 anos valha mais para o seu pequeno de 3 anos do que os dados da faixa-etária dele. Crianças podem se desenvolver mais rapidamente ou mais lentamente do que a média da sua idade. Não as julgue e não as rotule dizendo: “*como ela é inteligente!*”, ou “*como ele é lerdinho...*”; trataremos mais sobre isso no capítulo 7.

Também é importante salientar que a divisão mostrada aqui foi feita de forma geral. Eu compreendo que as crianças de 1 ano são diferentes das de 3, mas não caberia aqui uma explicação por idade, ano a ano, por isso separamos por faixas etárias gerais.

0-3 anos

Do nascimento até os 3 anos de vida, a criança passa por um processo de desenvolvimento em todos os níveis: físico, emocional, motor, de fala, etc. Por isso os conceitos sobre Deus, amor, Jesus, já devem ser introduzidos nessa fase. É algo muito errado pensar que crianças dessa faixa etária (principalmente de 0 a 1 ano) devem ficar somente em berçários com as mães, durante o culto. Nessa idade, a criança ainda não pode compreender com profundidade conceitos como o de salvação, mas a terra deve ser preparada para que a semente venha e seja germinada.

Como ela aprende?

O processo do desenvolvimento da inteligência é chamado, por Jean Piaget², biólogo suíço que estudou o desenvolvimento das crianças no século XX, de estágios do desenvolvimento cognitivo, ou seja, do desenvolvimento do conhecimento. Para ele, o ser humano passa por quatro estágios: sensório-motor (0-2 anos), pré-operacional (2-6 anos), operacional concreto (7-11 anos) e operacional formal (a partir dos 11/12 anos). No sensório-motor, o bebê demonstra inteligência, desejo, através dos movimentos, e é capaz de perceber a realidade (tudo que o cerca) por meio de órgãos dos sentidos. O bebê se comunica então, não através da fala, mas dos movimentos. Tudo que ele vê, ouve e sente fica em sua mente, por isso é essencial fazê-lo ouvir de Deus já nessa idade, e de experimentar do amor e cuidado dEle através de nossas ações físicas.

Como devem ser os educadores dessa etapa?

² Tenho ressalvas quanto à teoria de Jean Piaget, e não recomendo que a usemos para a Educação, algo que o governo brasileiro tem feito através do método Construtivista. Entretanto, sua divisão das etapas do desenvolvimento infantil é válida aqui no que pretendo tratar quanto à divisão das faixas etárias.

A principal característica do educador dessa etapa é cuidar ensinando e ensinar cuidando. Isso quer dizer que, enquanto nessa idade, a criança precisa de cuidados assim como precisa de ensino. Não podemos nos limitar a cuidar desses pequenos, com a alimentação e troca de fraldas, nos esquecendo de que essas crianças já são capazes de compreender o mundo ao seu redor.

E aqui cabe uma divisão maior, as crianças de até 2 anos são bastante diferentes das crianças de 2 e 3 anos. Até 2 anos elas precisam primariamente de cuidados, mas também de ensino. Aos 2 e 3, o ensino passa a ter maior importância, e elas já estão prontas para pequenas e rápidas lições sobre Jesus e a Palavra.

Para além da parte de conhecimentos, o educador dessa faixa etária deve buscar estabelecer um vínculo afetivo profundo tanto com as crianças quanto com os pais. Eles devem acompanhar o desenvolvimento dos bebês, e tanto passar aos pais o que acontece na igreja, quanto receber deles o que tem acontecido em casa. Isso pode ser feito através de visitas, de reuniões ou de cartas aos pais (dependendo do quão grande é sua igreja e sua sala). Em uma igreja que frequentei, os professores sempre faziam uma reunião com os pais assim que entrava uma criança nova na sala, para explicar as regras e os tipos de lições que as crianças iam fazer.

Além disso, é muito importante estabelecer regras com os pais, principalmente nessa faixa etária. As mães sentem que precisam ficar com os bebês dentro do berçário, o que atrapalha muito o trabalho dos professores, principalmente se a sala for pequena. Diga às mães que quando os bebês precisarem mamar ou coisas do tipo, você as chamará no culto. Caso contrário, diga que elas podem assistir ao culto despreocupadas, que você cuidará das necessidades do bebê. Por isso, é necessário que você esteja preparado para trocar fraldas, fazer mamadeiras (se necessário, pois geralmente as mães trazem prontas), ninar, etc. Essas atividades são responsabilidades suas enquanto o bebê estiver em sua sala. *Não se voluntarie a ser professor dessa faixa etária se não se sentir preparado para lidar com bebês muito pequenos.*

É importante que um mesmo educador (ou time de educadores) permaneça com a mesma sala durante, no mínimo, 6 meses, para que os bebês já os reconheçam e sintam-se seguros com eles. Como disse anteriormente, é de grande importância o vínculo afetivo criado entre professor-criança em todas as faixas etárias, mas nessa de forma especial, uma vez que a criança tem a parte afetiva latente nos primeiros anos de vida, nos quais ela formará seu conceito de confiança, precisando assim de adultos que estejam em sua vida de forma consistente. Para além disso, é

importante essa consistência no grupo de educadores para que esses conheçam de fato as crianças em sua sala, de forma a saber as necessidades e vontades dela. A criança até os 2 anos não pode se comunicar através da linguagem e precisa que o adulto “decifre” o que seus choros, sorrisos e grunhidos querem dizer. Para que isso seja possível, é preciso um contato constante entre o adulto e a criança.

Quanto ao vestuário, uma dica é que vocês se vistam sempre confortavelmente (aliás, para dar aula para qualquer idade). Evite saltos altos, calças sociais, ternos, etc., mesmo que o culto seja à noite. Sapatos baixos e cabelos presos são indispensáveis (lembre-se que bebês gostam de pegar coisas e puxá-las, por isso, evite brincos grandes, colares e cabelos soltos).

Quais os principais cuidados que a criança dessa etapa necessita?

Fisicamente, o bebê precisará ser alimentado, e provavelmente você terá que trocar fraldas, dar remédios na hora determinada pelos pais, ou qualquer outra urgência do tipo. Pode ser necessário limpá-lo se ele passar mal, ou dar banho em casos de febre (se o banheiro de sua igreja tiver chuveiros). Isso só acontecerá em casos extremos em que os pais da criança não estejam presentes ou não façam parte da igreja. Caso contrário, eles *sempre* deverão ser chamados em casos de emergências. Não se esqueça de perguntar às mães o que a criança precisa, e peça que ela te dê aquelas bolsas onde carregam os objetos do bebê, para você manter dentro da sala. Saiba sobre alergias e qualquer questão específica (como medos extremos, etc.) - isso é muito importante!

Emocionalmente, o bebê precisa se sentir protegido e amado, receber atenção através de conversas, cânticos, ouvir o nome dele, etc. Como foi dito anteriormente, nessa fase o bebê precisa do afeto; de maneira nenhuma os trate com frieza, descaso ou rispidez.

Espiritualmente, sabemos que o bebê precisa da salvação que há em Cristo Jesus (cf. Rm. 3.23), e é papel do professor começar a ensiná-lo sobre isso, ainda que seja através de cânticos, pequenas histórias e contos.

Como deve ser o ambiente da sala de aula?

Como foi dito anteriormente, é preciso respeitarmos as individualidades de cada igreja. Sabendo disso, é claro que nem todas poderão dispor de um ambiente cheio de recursos para as salas infantis. Entretanto alguns cuidados, especialmente no que diz respeito à higiene, são indispensáveis, independente do tamanho da sala que você tem em sua igreja.

A sala do berçário deve ser um lugar claro, arejado e, se possível, com berços e trocadores. De preferência, as paredes devem ser pintadas de cores claras, que transmitam calma aos bebês. Se possível, o chão deve ser revestido com algum material (pode ser um tapete comum - que seja limpo frequentemente para evitar o acúmulo de sujeira, ou um tapete de material tipo EVA) para que os bebês não tenham contato direto com o chão, que pode ter sujeiras e é muito frio, enquanto brincam. Mantenha os brinquedos em caixas, e fora do alcance dos bebês - essas caixas precisam ser constantemente higienizadas para não haver o risco de insetos. É aconselhável, também, que haja uma pia para que os professores mantenham suas mãos sempre limpas. Caso isso não seja possível, tenha sempre um álcool gel por perto (fora do alcance dos bebês).

Como devem ser os momentos da aula?

Deixo aqui uma ideia de aula para essa idade, mas que você tem a liberdade de modificar conforme seus interesses e necessidades. Para além disso, verifique o capítulo sobre como montar as aulas.

A aula pode ser dividida em três partes, sendo que você precisa adaptar sua aula de acordo com o tempo que lhe é dado. Se você for ficar com eles somente durante as pregações, deve ter em torno de 40 min/1 hora. Se for durante a EBD, deve ser entre 1h/1h30min.

Durante a chegada dos bebês, mantenha sempre um brinquedo à mão, para “convencê-los” a separarem-se das mães e ficarem no berçário. Distraia-os com os brinquedos um tempo e depois os coloque sentadinhos no tapete, sendo que os que estiverem dormindo não devem ser acordados - não é necessário acordá-los para aula, essa é uma idade em que eles precisam do sono. Deixe-os dormindo no bercinho e quando acordarem junte-os aos outros nas atividades - não se esqueça de sempre, *sempre*, assisti-los, ou seja, não os deixe no berço e foque nas outras crianças, esquecendo-o ali! Crianças pequenas precisam de cuidado e observação constantes.

Saiba que nessa idade, você não conseguirá fazer com que eles fiquem parados para ouvir histórias ou cantar. Por isso, deixe que eles brinquem o tempo todo, e durante os momentos todos (enquanto brincam, mamam, são trocados, ninados, etc.) cante sempre corinhos, ore, conte uma história breve. Eles estão absorvendo tudo, não se engane pensando que eles não vão entender nada.

Novamente, nunca deixe qualquer bebê sozinho! Por isso, é necessário mais de um educador nessa faixa etária (aliás, acho que o essencial é sempre ter mais de um educador por sala, independente da faixa etária), para que nenhum bebê tenha falta de atenção. Já vi acidentes acontecerem quando o educador vai trocar o bebê e se vira por alguns segundos para pegar a fralda na bolsa! Tenha sempre tudo à mão quando for trocá-los.

Na hora da despedida, entregue o bebê aos pais e relate tudo o que aconteceu - isso demonstrará que a criança foi bem cuidada.

Lembrem-se sempre que nessa idade, o que eles mais precisam é de atenção e cuidado. Por isso, descubra maneiras de introduzir a Palavra de Deus enquanto faz as atividades rotineiras que um bebê necessita.

4-6 anos

A criança de 4 a 6 anos está em uma das fases mais ativas da vida, com uma energia constante. Isso pode ser bem canalizado pelo professor, de forma a ajudá-la a se acalmar e aprender; ou pode ser lidado de maneira imprópria, o que acarretará em muita indisciplina e ações agressivas por parte do professor. Entretanto, não confunda energia com falta de interesse: a criança dessa etapa é muito interessada e consegue se concentrar bem, desde que entregue a uma atividade que a agrada e atraia. Nessa faixa etária, a criança começa a ter um vocabulário mais complexo e é necessário que os professores colaborem com isso, deixando-as falar e expressar suas opiniões, sem reprimi-las demais. Esse é um momento de muitas dúvidas e dos famosos “por quê?”. O professor precisa estar preparado para responder às questões que elas levantarem, com paciência e sabedoria, mesmo que as mesmas pareçam bobas ou provocativas. Os conceitos de Deus e pecado, por exemplo, podem ser rejeitados ou questionados, e é preciso um espaço de respeito para que elas possam se expressar e ter suas dúvidas sanadas, de acordo com a Palavra, sendo sempre apontadas, com carinho, a Cristo.

Como ela aprende?

A criança de 4 a 6 anos está em um estágio pré-operacional de aprendizagem. Isso significa que ela está em uma etapa em que a brincadeira é a forma mais eficiente de aprendizagem. Essa criança já consegue sentar-se e concentrar-se em uma atividade de aprendizado, mas a mesma precisa ser lúdica e interessante, senão a criança logo a deixa. Por isso, no contexto de ministério infantil, é preciso sempre ter em mente

que a criança de 4 a 6 anos não ficará sentada muito tempo, ouvindo uma história contada por um adulto, sem recursos visuais.

Infelizmente alguns voluntários que ensinam essa faixa etária se esquecem disso, e pensam que essas crianças são como os pré-adolescentes, ensinando-as de forma séria e contínua, sem nenhuma entonação marcante ou recurso visual expressivo. Por isso vemos que as salas de 4 a 6 anos são “as mais agitadas”. As crianças dessa idade não podem ficar sentadas e entediadas, ou elas realmente dispersarão. Cabe aos professores manterem suas aulas interessantes e divertidas, e ainda assim profundamente bíblicas.

Existem muitos materiais e recursos na internet que podem auxiliar o professor dessa etapa a planejar aulas que sejam divertidas: recursos feitos de material reciclado, teatros, fantoches, objetos usados para fazer barulhos e sons, ilustrações com materiais sólidos, bonecos, músicas, vídeos, etc.

Imagens ilustradas até podem ser usadas, mas é preciso cuidado: a criança de 4 a 6 anos ainda aprende muito através do concreto. Por isso, se você mostrar a ela cinco pedrinhas e um estilingue ela aprenderá muito melhor a lição de Davi e Golias do que se você segurar um desenho na frente dela. Mantenha isso em mente e seja dinâmico com seus materiais!

Como devem ser os educadores dessa etapa?

Muito criativos! É necessário muita criatividade e energia para entreter essa faixa etária - como vimos, eles são fáceis de perder a atenção. Além disso, é preciso muito “jogo de cintura” para saber lidar com os momentos de dispersão. Por exemplo: se as crianças estão se “desligando”, o professor pode bater palmas e cantar uma música rapidamente, e quando elas voltarem a atenção, voltar à história.

É preciso sensibilidade para aproveitar as respostas deles: essa é uma idade que precisa da afirmação de suas ideias, então o professor precisa usar suas opiniões e sugestões, sem ignorá-las de todo. Um exemplo: se no meio da história a criança começa a contar um episódio aleatório de sua vida, o professor não precisa mandar que ela se cale por completo, ele pode pegar o que ela falou e usar como ilustração do que está sendo ensinado. É preciso também saber como cortar as “divagações” delas, sempre com cuidado e carinho, mas também com firmeza. Não permita que elas “tomem as rédeas” da aula, porque se você der espaço, elas com certeza o farão (aliás, a partir dessa faixa etária até os pré-adolescentes, essa dica se faz válida... Todos eles amam falar junto com a gente!).

O educador dessa faixa etária também precisa de muita paciência - nessa fase as crianças são muito egocêntricas e têm dificuldade de ter empatia. Por isso, dificilmente conseguirão dividir bem brinquedos ou materiais, e constantemente “baterão de frente” com os educadores (especialmente as crianças de 3 e 5 anos). É preciso muita oração para que o Senhor te dê graça de lidar com esses problemas com consistência e paciência, trazendo sempre o Evangelho às situações, lembrando os pequenos que somos todos pecadores que precisam de Cristo.

Além disso, é necessário que o educador seja firme, sem ser rude. As crianças dessa etapa serão muito difíceis em alguns momentos, e o professor precisa de firmeza para lidar com a indisciplina delas. Só não deixe que a firmeza abafe a graça. Busque ser como Jesus: manso e tranquilo, mas firme e zeloso. Quando elas forem difíceis, seja firme. Mas, quando elas fizerem as coisas certas, não deixe de reforçar essa atitude (veremos mais sobre os problemas de indisciplina no capítulo 8 desse eBook).

Quais os principais cuidados que a criança dessa etapa necessita?

Ela precisa de atenção - essa é uma etapa de formação de consciência e personalidade, por isso o professor precisa estar atento à forma como trata esses pequenos. Eu gosto muito de uma frase que diz que a criança não se lembrará das palavras ditas na sala de aula, mas sim dos sentimentos que ali vivenciou. Por isso, mesmo que elas não se lembrem das histórias que você contou, elas se lembrarão da forma como você as tratou, e isso pesará em seus corações - para o bem ou para o mal. Trate-as com amor e carinho, e assim elas se lembrarão que seu professor do ministério infantil foi como Jesus, e o amor dEle será mais real na vida delas.

A criança dessa faixa etária já é muito mais independente que os bebês da etapa anterior. Mas, ainda assim, é preciso muita atenção: fique sempre de olho nos momentos de atividades, para que elas não coloquem cola, giz, ou qualquer outra coisa na boca. Elas também gostam de brincar com tesoura e cortar os cabelos uma das outras (já vi acontecer! Fique atento...). Além disso, preste muita atenção nos momentos de interação, porque a raiva que elas sentem geralmente se expressa em mordidas ou arranhões, e cabe ao professor impedir que isso aconteça. Lembre-se: enquanto elas estão em sua sala, a saúde e segurança delas são responsabilidade sua.

Como deve ser o ambiente da sala de aula?

A sala para as crianças de 4 a 6 anos não precisa de tantos cuidados específicos quanto a sala dos bebês. Se for possível, o tapete ainda se faz necessário, porque

impede que as crianças tenham contato direto com o chão frio e sujo. Esse tapete pode ser normal, desde que bem higienizado, ou aqueles feitos de material EVA. A necessidade da higiene ainda se faz presente: essas crianças brincam muito no chão e ainda levam a mão à boca, então é necessário que os cuidados higiênicos sejam observados.

Seria ideal que a sala fosse bastante colorida: desde os brinquedos dispostos e as atividades propostas durante a aula, até às paredes (a não ser que você tenha crianças com Necessidades Específicas em sua sala - ver capítulo 9). Caso não seja financeiramente possível à sua igreja dispor de muitos brinquedos ou pintar as paredes ou materiais, não se preocupe. Ore ao Senhor por possibilidades alternativas, de maneira a criar um ambiente gostoso para que essas crianças se sintam acolhidas, ainda que com poucos gastos. É possível usar materiais reciclados para a confecção de brinquedos, ou até mesmo pedir aos membros da igreja que doem os brinquedos menos utilizados de seus filhos. Quanto às paredes, alguns cartazes bem desenhados, com cores e figuras, são suficientes para trazer cor à sala de aula dessa faixa etária. Você pode até mesmo dar uma cartolina ou pedaço de papel pardo (ou papel kraft) às próprias crianças e permitir que elas desenhem os murais de sua sala. Além disso, pendure sempre que possível os trabalhos manuais delas nas paredes - isso faz com que as crianças se sintam valorizadas, além de deixar o ambiente muito mais bonito.

Como devem ser os momentos da aula?

A divisão de momentos da sua aula, como eu disse anteriormente, vai depender de quanto tempo você tem com as crianças. Aqui vou deixar uma linha do tempo de sugestão e, se você quiser, pode usá-la da maneira que melhor se encaixar em seu planejamento:

1. Comece conversando - pergunte aos pequenos sobre sua semana, como foi e o que fizeram. Só não abra muito espaço para a conversa porque eles se empolgam e acabam contando da vida toda deles, dos pais, do cachorro e dos vizinhos. Limite esse tempo a uns poucos minutos. De preferência sente em roda. Receba-os sempre alegre e com um sorriso no rosto - isso faz muita diferença para eles.
2. Faça a chamada/veja quem decorou versículo/recolha a oferta/reconheça os visitantes ou faça qualquer outra atividade mais rotineira (isso varia dependendo de como funciona sua EBD, ou Culto Infantil, etc.).
3. Momento de louvor: é sempre preferível que as músicas cantadas tenham algum

tipo de conexão com a história que será apresentada. Isso facilita que as crianças aprendam a lição ou moral daquela aula. Tenha empolgação: use gestos corporais durante as músicas. Isso empolga e envolve as crianças e também ajuda a gastar um pouquinho da energia delas...

Se quiser, e tiver tempo sobrando, faça uma “ginastiquinha” com elas em seguida, especialmente com alongamento. Isso ajuda a acalmá-las depois das músicas, e prepará-las para a oração e a lição.

Uma brincadeira que usávamos muito na escola em que eu trabalhava, para acalmar, era o desafio do copo. Encha um copo com água (não muito) e diga às crianças, bem baixinho para que elas prendam a atenção em você: “será que vocês conseguem passar esse copo pela roda toda, sem derrubar nem uma gotinha de água?”. E então, calmamente exemplifique como precisa ser feito: passe, muito devagar, o copo da sua mão à mão da criança ao seu lado. Tenha o corpo muito equilibrado e controlado. Elas vão imitar tudo o que você fizer, então faça bem devagarinho e calmamente. Isso acalma a sala como um todo. Só tome cuidado e seja prudente: se suas crianças são muito agitadas, pode demorar um pouco para conseguirem cumprir esse desafio. Então, tente começar com um copo mais vazio do que cheio... E nada de apressá-las! Deixe que levem quanto tempo precisar até “aperfeiçoarem” a técnica.

4. Oração: nesse momento você pode orar por elas ou deixar que elas orem sozinhas. Não peça que elas repitam o que você disser. A maneira das crianças aprenderem a orar é escutando os adultos e aprendendo na Palavra, com exemplos. Quando você fala e manda elas repetirem, você apenas está reforçando uma ideia errada de que a oração é uma conversa vazia, que pode ser feita por qualquer um e repetida por elas. As crianças precisam aprender que a oração é uma conversa íntima e pessoal com Deus - somente elas podem fazer isso por elas mesmas.

Esse momento pode envolver pedidos de oração: é bom encorajá-las a compartilhar suas alegrias e tristezas, e orar umas pelas outras. É bacana, também, trazer uma lista dos missionários que sua igreja sustenta e orar por eles.

Não reprima a oração das crianças. A não ser que elas estejam zombando desse momento, não há porque dizer “isso não pode”, “isso tá errado”. Caso elas estejam, de fato, zombando na hora da oração, você deve parar a “oração” delas e naquele mesmo momento explicar o que significa orar (falar com o Deus Todo-Poderoso), e até mesmo dizer, de maneira que elas entendam, que de Deus não se zomba (cf.

Gl. 6:7).

E deixe que elas aprendam do seu exemplo - ore devagar e com palavras fáceis, que elas entendam.

5. História: Como eu disse anteriormente, as histórias para essa faixa etária precisam ser envolventes - de preferência com muito material visual e de toque. Deixe as crianças experimentarem e deixe que elas participem ativamente da história. Se você vai falar de pesca, peça que elas mostrem como fazemos com a vara para pegar um peixe. Se for falar de leões, deixe elas imitarem o som que eles fazem, etc. Em qualquer idade nós aprendemos melhor aquilo que fazemos do que aquilo que escutamos, mas entre os 3-6 anos, isso se faz ainda mais essencial.

A atenção dessas crianças pode ficar em você por, no máximo 10 minutos, e isso se sua história for muito interessante. Por isso, seja realista: prepare uma aula que tenha somente 10 minutos de história/mensagem, e planeje o resto do tempo com atividades rotineiras, lúdicas, manuais e musicais. Não tente prender crianças pequenas com histórias longas ou perguntas sobre a história, por muito tempo. Você ficará frustrado e elas inquietas.

O tempo de atenção, para atividades de aprendizagem, para cada idade, é geralmente calculado da seguinte maneira: idade cronológica + 1. Então, as crianças de 4 anos, por exemplo, conseguem focar a atenção por 5 minutos. Mas, é sempre possível estender isso, se a atividade for prazerosa, e com muita oração.

6. Atividades manuais: uma revisão da lição, através de algum tipo de atividade manual. Pode ser desenho, pintura, colagem, encenação, etc. Não tenha medo de ser criativo. Crianças ficam um pouco entediadas quando, todo domingo, oferecemos uma folha em branco para “desenho livre”. Permita, sim, que elas se expressem livremente quanto ao que aprenderam, mas dê algumas delimitações e direções - isso as ajuda, nessa faixa etária. Também seja cauteloso: se for propor uma atividade com tinta, tenha certeza de que sua igreja dispõe de aventais individuais. Geralmente os pais vestem as crianças com suas melhores roupas para irem à Casa de Deus.

Os sub-capítulos “7-10 anos” e “11-13 anos” foram escritos com uma grande ajuda de Thais Ferro e Gabriela Brito, voluntárias da Equipe Graça em Flor. Thais é formada

em Pedagogia, pela Faculdade Anhanguera, e trabalha com educação infantil. Gabriela é formada em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista UNESP e na época em que esse eBook foi escrito fazia o curso de Evangelista no Instituto Bíblico Eduardo Lane.

Toda a minha gratidão às duas pela colaboração maravilhosa a esse projeto. Deus as recompense!

7-10 anos

Nessa faixa etária a criança começa a se utilizar da lógica, de maneira completa, pela primeira vez. O pensamento deixa de ser dominado pelas percepções e emoções e agora a criança é capaz de resolver problemas que existem no seu dia-a-dia usando os exemplos que tem ao redor de si e das informações armazenadas até ali em sua mente. Ocorre um declínio do egocentrismo e ela se torna capaz de construir pensamentos que são mais compatíveis com o “mundo real”.

O real e o imaginário já não se misturam. Eles aprendem que podemos retornar mentalmente ao ponto de partida, lembrando histórias e fatos com maior facilidade, e isso nos ajuda no sentido das lições que contamos que agora eles têm maior facilidade em lembrar.

Como ela aprende?

Diferente do que muitos acreditam, umas vez que essas crianças sejam maiores e o raciocínio esteja mais aguçado, o lúdico e a imaginação não são mais a maneira mais eficiente de se trabalhar. Agora essa criança foca em tudo o que é real, concreto, no que tem lógica e motivos para ser ou existir. Isso as leva a serem mais questionadoras e curiosas, tentando entender como funcionam as coisas, como podemos reproduzir algo e finalmente os tão esperados “por quês”. É nessa fase também que eles aprendem que apesar de errarmos, é possível retornar e tentar novamente sem a necessidade de choro e birra.

Nesse sentido, a criança de 7 a 10 anos aprenderá com lições que incentivem a curiosidade, e que não sejam muito focadas no imaginário, mas no real. Elas também precisam que as aulas tenham bastante abertura para perguntas, já que nessa fase muito do que elas aprendem vem pelas boas respostas às suas dúvidas.

Como devem ser os educadores dessa etapa?

O primeiro ponto a se destacar é que todas as crianças aprendem por imitação, como veremos melhor no próximo capítulo. É importante ter em mente, então, que o professor dessa etapa deve ser dinâmico, entusiasta, realmente acreditando no que está ensinando, para contagiar os alunos. Eles estão em busca de um exemplo adulto e ainda se espelham em super-heróis ou figuras importantes para eles. Seja essa pessoa aos seus alunos!

Por conta das características da criança de 7 a 10 anos, é fundamental que o professor dessa etapa opte por aulas nas quais as crianças possam fazer aplicações diretas em suas vidas, preferencialmente fazendo o uso de materiais áudio-visuais, para que a atenção dos alunos, seja redobrada.

Deve-se focar no trabalho de questões como arrependimento de pecados e conversão já que eles compreendem de forma mais clara o “começar de novo”, “tentar mais uma vez”, “não desistir”, “assumir seus erros” e já têm capacidade de se colocar no lugar do outro (não que estes assuntos não necessitem ser tratados com crianças menores, mas nessa idade deve ser redobrada a atenção para eles!).

Seguir sequências de histórias e cronologia são a melhor maneira para otimizar o aprendizado, e garantir que esses pequenos compreendam a Bíblia como um livro contínuo e com sentido.

Quais os principais cuidados que a criança dessa etapa necessita?

Diferente das crianças menores, os cuidados físicos diminuem bastante. Por outro lado, os cuidados emocionais se multiplicam, já que agora essa criança aplica à sua vida tudo o que aprende e coloca em prática tudo o que absorveu.

O professor deve ter uma sensibilidade (que devemos pedir muito ao Senhor) para auxiliar estas crianças durante esse processo de mudanças, erros e acertos focando no fato de que somos todos pecadores, mas temos Alguém que pode nos ajudar.

Como deve ser o ambiente da sala de aula?

A cada aula, prepare materiais que possam ser expostos e permanecer na sala por algum tempo para fixação do conteúdo dado, como por exemplo mapas mentais ou linhas do tempo que possam ter conexões com o dia-a-dia das crianças, para que elas possam assimilar o conhecimento e conseguir os colocar em prática.

Recursos visuais são mais que bem vindos, mas não há necessidade de uma sala tão colorida e com disposição de brinquedos, uma vez que elas são maiores. Tudo

agora torna-se mais prático e objetivo.

Como devem ser os momentos da aula?

A fase dos 7 aos 10 anos é uma das etapas nas quais as crianças mais querem compartilhar acontecimentos diários e experiências cotidianas, então é positivo que a aula se inicie com um resumo, bastante rápido, sobre a semana de cada um, onde eles falem de um acontecimento que o marcou naquela semana, tanto bom, quanto ruim. Tente pedir que cada criança compartilhe um acontecimento só, para que seja mais rápido. Depois disso, busque fazer uma oração, aproveitando algum pedido de oração que possa ter surgido nesse compartilhar.

Os louvores deixam de ser mais gesticulados e passam a ter recursos visuais diferenciados, como cartazes que somente tenham a letra escrita da música, ou talvez uma ou outra ilustração. O uso de instrumentos musicais é bem interessante já que essa faixa etária se interessa muito por coisas novas e recursos complementares, além de deixar o momento dos cânticos mais gostoso!

O momento da história deve ser lido primeiramente na Bíblia - inicialmente pelo professor, mas também possivelmente pelos pequenos. Antes que o professor explique a leitura feita, ele deve perguntar aos alunos o que eles entenderam e o que podemos aprender com aquela passagem. Baseado, então, nas respostas, o professor pode explanar a aula, sempre interagindo com os alunos (mas sem deixar que eles tomem conta da discussão, dispersando-a).

Caso os alunos não compreendam a passagem e não sejam capazes de, depois da leitura, explicá-la, o professor deve ler apresentando o texto com palavras e sinônimos que os alunos conheçam. Entretanto é bem raro que os alunos não compreendam nada de um texto, geralmente eles terão algo a acrescentar.

É importante que o professor não faça apenas uma aula expositiva, mas que ele incentive a mente das crianças a refletir sobre o assunto. Por isso, preferencialmente use histórias para fazer aplicação prática.

Já que essas crianças são alfabetizadas, o desafio das atividades deve ser maior, com perguntas que exijam respostas dissertativas, ligar uma opção à outra e atividades de memorização! O professor deve propor desafios que os façam pensar, relacionando a passagem bíblica ao cotidiano deles sempre que possível.

Para encerrar é válido fazer outra oração, diferente da primeira, que pode ser

um pouco mais longa, lembrando os alunos sempre de como devemos orar - engrandecendo a Deus, agradecendo, pedindo perdão pelos pecados, e orando pelo próximo.

Após as aulas, é sempre bom fazer uma rápida revisão do conteúdo aprendido.

11-13 anos

Nessa faixa etária temos não mais crianças, por assim dizer, mas pré-adolescentes. Muitas igrejas não focam seu ministério infantil nessa faixa etária, mas algumas o fazem, especialmente com projetos comunitários ou extra-curriculares, como atividades esportivas, por exemplo.

Se sua igreja não tem essa faixa etária no ministério infantil eu te desafio a começar a olhar para eles. Os pré-adolescentes estão às portas de uma das fases mais complicadas da vida, onde muitas decisões serão feitas. Esses pequenos precisam muito da influência positiva de líderes espirituais.

Uma das formas mais eficazes de envolver os pré-adolescentes no ministério infantil é permitindo que eles sejam professores assistentes nas salas com crianças menores, especialmente no maternal e pré-escola. Eles se sentirão valorizados, verão que confiamos neles e em sua capacidade e, o mais importante, começarão a entender o privilégio que é servir a Igreja de Cristo.

Mas caso sua igreja os envolva como estudantes do ministério infantil, seja em qual frente for - desde a EBD até ministérios esportivos - seguem dicas de como ensiná-los.

Como ela aprende?

Os pré-adolescentes constroem linhas de raciocínio sozinhos, baseados no que aprenderam através da vivência com adultos e também através do que aprendem uns com os outros. Questões abstratas começam a ser compreendidas mais facilmente e eles são capazes de ver pela perspectiva do outro, conseguindo imaginar situações narradas por outros. Nessa etapa eles passam por grandes transformações mentais e principalmente físicas.

Como devem ser os educadores dessa etapa?

Os educadores dessa etapa devem ser muito bem preparados para saber responder

a questionamentos mais profundos e muitas vezes imprevistos. Crianças dessa idade estão passando por diversas transformações, fazendo com que questionem com certa frequência qual a razão ou objetivo de determinadas regras, instruções ou acontecimentos, o que exige que o professor seja firme e direto em seus ensinamentos.

É bom que o professor também saiba qual “linguajar” usar com estes alunos, já que não são nem crianças nem jovens. É preciso que o educador não se utilize de um vocabulário infantil demais, nem adulto demais.

É muito importante também que o professor esteja atento aos assuntos pertinentes a essa faixa etária, como bullying, suicídio e sexualidade, trazendo-os para a sala de aula, mostrando como o Evangelho se aplica a esses temas. É de extrema importância que o educador dessa etapa seja guiado de perto pelos pastores da igreja, uma vez que deverá tratar de assuntos mais complicados e delicados.

Quais os principais cuidados que a criança dessa etapa necessita?

Os cuidados nessa idade voltam a ser físicos, ainda que indiretamente - as mudanças que ocorrem no corpo assustam muito algumas crianças. Acompanhá-los nesse processo é muito importante já que normalmente eles estão perdidos sem saber como agir e alguns pais não fazem o acompanhamento devido (outros nem mesmo têm pais para os acompanharem, infelizmente). Essas mudanças devem ser tratadas de forma bíblica e saudável, e claro, sempre por educadores do mesmo sexo que as crianças (mulheres com meninas, e homens com meninos). Além disso, o acompanhamento e cuidado espiritual devem ser redobrados já que os desafios diários na vida deles aumentam.

Como deve ser o ambiente da sala de aula?

Nessa idade não há mais necessidade de salas de aula coloridas e enfeitadas, já que eles não se consideram mais como crianças. É interessante que seja um ambiente com menos recursos visuais e mais materiais que possam ajudá-los, de fato, durante as aulas. Por exemplo, caso o professor esteja estudando a vida de Paulo, seria interessante disponibilizar na sala um mapa onde mostre a trajetória das viagens do apóstolo.

Se possível, seria ótimo que a sala tivesse armários ou prateleiras onde os alunos possam ter acesso a seus materiais e também a livros diversos, de preferência não muito grossos, para que possam ter o hábito de fazer leitura tanto da Bíblia quanto de outros livros, entendendo melhor como funcionam os estudos.

Como devem ser os momentos da aula?

O momento da oração é indispensável em qualquer faixa etária e nesta não é diferente. Trabalhe com eles a importância de interceder um pelo outro. Crie cronogramas de oração tanto para sala de aula, quanto para casa. Exemplos de temas a serem lembrados em oração são: as famílias da igreja, viúvas da igreja, países perseguidos, irmãos que necessitam de emprego, pessoas doentes, amigos com problemas, etc. Estimule-os a colocar em prática tudo o que já aprenderam sobre oração.

A história não necessita de recursos visuais e os trechos lidos podem ser maiores. Faça um cronograma mensal e compartilhe com eles para que a leitura da passagem bíblica possa ser antecipada, fazendo com que eles já tenham refletido sobre a passagem em casa e também cheguem na sala com dúvidas e comentários.

Essa é uma boa idade para ensinar também para além do texto bíblico. É possível adicionar à programação de aulas estudos sobre os catecismos, por exemplo, ou sobre os grandes missionários e pregadores da história do Cristianismo.

As atividades pós-lição evoluem mais no quesito de dificuldade, e agora os alunos podem escrever mais, desenvolvendo pensamentos sobre determinados assuntos. É interessante que além da atividade de sala, eles possam levar para casa atividades a serem desenvolvidas durante a semana, tanto para relembrar a aula anterior, quanto para introduzir a próxima aula.

O professor precisa fazer com que o aprendizado esteja para além da sala de aula! É preciso ensinar os alunos empatia tanto através da oração, quanto através do contato direto. Essa é uma faixa etária muito boa para visitar irmãos idosos que são mais solitários, por exemplo. O serviço é uma excelente maneira de aprender que estes irmãos normalmente têm muito a nos ensinar, começando a influenciá-los quanto à humildade e o respeito aos mais velhos. A empatia deve ser sinônimo de cristão e por que não começar o quanto antes, enquanto pré-adolescentes?

Observações extras

Segue uma lista de sugestões práticas gerais para o trato com crianças *de qualquer faixa etária*:

- Sempre que for falar com uma criança, agache-se e fique na mesma altura que ela. Isso mostra respeito e interesse ao que ela tem a dizer.
- Autoridade é um conceito bíblico e, na sala de aula do ministério infantil, a autoridade é você. Tenha isso em mente enquanto ensina. Não permita que as crianças tomem conta da situação. Se elas se descontrolarem, você precisa permanecer controlado. Se elas gritarem, você precisa continuar com tom de voz baixo. Se elas espernearem, você precisa se manter calmo. Lembre-se do exemplo de Cristo que mesmo quando precisava ser firme, fazia-o em amor e em preocupação pelas almas que O ouviam.
- Nunca grite, a não ser em caso de incêndio. Se precisa chamar uma criança, e ela estiver do outro lado da sala, dirija-se a ela, não grite seu nome. E lembre-se da observação anterior: mantenha a postura de autoridade. Isso envolve não gritar.
- Geralmente as crianças falarão em um tom de voz mais alto que o nosso. Por isso, quando quiser silêncio ou que elas falem mais baixo, reduza seu tom de voz a um som bem baixinho. Elas ainda falarão mais alto que você, mas a voz delas ficará mais baixa conforme você reduz a sua. Se você falar alto, elas gritarão.
- Não tenha medo de sentar no chão, e de preferência em círculo! Crianças amam e isso não só as aproxima de você e umas das outras, reforçando a afeição, como facilita o foco delas em você (e facilita o controle, pois todas estão no seu campo de visão).
- Reforce noções de educação. “Por favor”, “Obrigado”, “Desculpa”, “Com licença”, são palavras que devem ser usadas e reforçadas nas salas do ministério infantil (especialmente pelos professores).
- Seu emocional precisa estar sempre equilibrado na presença de crianças. Não importa se você teve o pior ou melhor dia da sua vida. Sua relação e atitude quanto a elas deve ser equilibrada: nem muito empolgada, nem triste e “carrancuda”. Peça ao Senhor a capacidade e graça de fazer isso, especialmente nos dias difíceis. As crianças sentem nossa tristeza e mau-humor, e são afetadas por eles.
- Fique atento à necessidade de banheiro! E isso especialmente para as crianças de 2-5 anos. Muitas delas ainda não estão muito seguras para avisar quando precisam usar o banheiro, e por vezes não querem ir se estiverem muito focadas na brincadeira. Por isso, caso seu tempo com elas seja de uma hora ou mais, na metade da aula lembre todas as crianças da necessidade de ir ao banheiro, e conduza as que tiverem vontade até lá (se elas tiverem 2, 3 anos, talvez

seja necessário colocá-las sentadinhas no vaso sanitário, mesmo que digam não precisar - elas acabam usando). E fique de olho quando elas “dançarem” enquanto estiverem fazendo alguma atividade, mexendo de um lado pro outro. Sempre pergunte: *você precisa usar o banheiro?* Lembre-se que elas dificilmente tomarão a iniciativa de te falar quando precisarem.

- Conheça as regras de segurança que sua igreja mantém em relação a ida ao banheiro. Pode ser que alguns pais prefiram que você os chame caso seus filhos precisem usar o banheiro. Pode ser também que sua igreja tenha uma regra onde dois adultos precisem ir juntos com as crianças, nunca um só. E pode ser que sua igreja não tenha nenhuma regra para isso - nesse caso, sente-se com a liderança de sua igreja e pensem juntos em uma política de banheiro que assegure a proteção dos pequenos.

Capítulo 6

A responsabilidade do professor em ser um exemplo

Quando eu trabalhei em uma escola secular, meu maior desafio era ser um exemplo daquilo que eu tentava passar aos alunos. Eu me lembro de um dia em que estava com bastante pressa, tentando ser malabarista, cumprindo várias tarefas de uma vez, e em meio a tudo isso uma pequena derrubou suco no chão. Eu nem pensei duas vezes - peguei o pano que estava junto à porta, coloquei embaixo do meu pé e limpei em cinco segundos a bagunça, mandando que ela fosse fazer uma atividade longe do chão molhado.

O problema é que tínhamos uma regra na sala que as crianças é que deveriam limpar qualquer sujeira que criassem, e isso sozinhas. Elas eram proibidas de usar os pés, porque queríamos que aprendessem a fazer o trabalho bem feito, usando as mãos e treinando suas habilidades motoras. Como você pode imaginar, isso sempre demorava muito tempo, e requeria que as professoras acompanhassem o processo de perto para que a limpeza não acabasse virando caos (imagine um monte de crianças jogando água e sabão umas nas outras...). Por isso naquele dia, como eu estava com muita pressa, acabei burlando a regra.

Bom, como é de se prever, alguns dias depois dessa situação, eu vi uma criança que, depois de derrubar iogurte no chão, apressadamente jogou o pano para debaixo dos pés e em três segundos “limpou” sua sujeira. Nem preciso dizer que a mistura de terra da sola de seu sapato com a água do pano e o iogurte fez uma meleca horrível.

Mas, com que autoridade eu poderia ir àquela criança e exigir que ela voltasse e limpasse direito? Afinal de contas, ela simplesmente imitou exatamente o que viu sua professora, seu *exemplo*, fazer. Ao invés de reprimi-la eu deveria é parabenizá-la por tão perfeita imitação!

Sensor de hipocrisia

Se você tem contato com crianças em sua vida, com certeza já percebeu duas coisas a respeito delas: primeiro, elas imitam tudo o que veem; e segundo, elas percebem

hipocrisia. Vou tratar mais sobre o primeiro ponto mais para frente, mas por agora quero falar desse quase sensor-de-hipocrisia-e-falsidade que elas têm.

Se você chegar em sua sala de aula e tentar passar uma lição que você mal estudou e para a qual não se preparou, pode ter certeza que as crianças não só perceberão, como responderão com desinteresse e possivelmente indisciplina (que muitas vezes é uma consequência natural do desinteresse). Crianças são sensíveis à hipocrisia. Se você diz a ela “não faça x!”, mas aquilo é algo que você mesmo pratica com frequência, ela vai ser a primeira pessoa a te lembrar disso.

Por isso, não tente esconder-se por trás de uma máscara de perfeição enquanto ensina. Deus não nos chamou à falsidade, mas à verdade (cf. Ef. 4:25).

Mentes absorventes

A médica italiana Maria Montessori, conhecida pelo método Montessori de educação, disse que as crianças têm mentes absorventes, ou seja, tudo aquilo que elas veem, ouvem, sentem, cheiram, experimentam, elas interiorizam. Isso significa que elas são como esponjinhas que vão absorvendo tudo ao seu redor, tanto as coisas boas quanto as ruins.

Você já deve ter percebido isso em crianças de 3 anos que chegam da escola dizendo algum palavrão porque ouviu um coleguinha dizer (e o coleguinha possivelmente ouviu do irmão mais velho). Basta que falemos uma palavra torpe uma vez e nossos pequenos estarão repetindo por semanas.

Isso acontece especialmente para que o processo de humanização se concretize. As crianças precisam copiar o que os adultos fazem para que pouco a pouco compreendam o que é ser humano - como andar, falar, se expressar e praticar atividades básicas de nosso cotidiano. Crianças copiarão, então, as autoridades e os adultos à sua volta, que geralmente são não só os pais, mas os parentes mais próximos, professores escolares e, no caso das crianças cristãs, seus professores e líderes da igreja.

Releituras falhas de Da Vinci

É natural que essa mente absorvente e a necessidade que as crianças têm de um exemplo nos preocupe, e isso porque nós temos consciência do quanto somos

falhos. Eu sei que sou uma pecadora que cai e erra, por isso meu desejo natural é que ninguém olhe para mim como exemplo, porque sei que seria hipócrita se tentasse passar uma imagem de perfeição. Entretanto, o que nós precisamos entender é que não somos o exemplo final, ou principal, que nossos alunos têm. Nós somos, na verdade, apenas uma réplica, um espelho.

Imagine um pintor iniciante que decide fazer uma réplica de uma obra de Da Vinci. É de se esperar que a cópia não seja perfeita, longe disso. Provavelmente pouco se parecerá com o original. Mas, se com o tempo, conforme esse pintor cresce em suas habilidades, ele resolve fazer outra cópia, essa segunda com certeza sairá muito mais parecida com o original, ainda que não seja perfeita.

Assim somos nós. Jesus não nos chama à perfeição, mas sim a copiá-lo e a seguir nos Seus passos (cf. 1 Jo. 2:6). Isso significa que nós apenas tentaremos, dia após dia, melhorar nosso reflexo do Cristo, e ser mais como Ele é.

Podemos sentir paz em saber que quando nossas crianças nos copiam e olham para nós como exemplos, elas estão na verdade olhando para pessoas falhas, que caem e erram, mas que tentam viver como Cristo viveu. E esse é o maior e melhor exemplo que podemos dar a elas.

O mais importante exemplo que podemos dar às nossas crianças

A Bíblia traz vários comandos para que os crentes sejam exemplos, especialmente aqueles em papéis de liderança (ex. 1 Tm. 4:12; 1 Pe. 5:15). Entretanto, Deus sabe que somos extremamente falhos. E é por isso que o exemplo mais importante que você dará às suas crianças não é de alguém que nunca erra, mas de alguém que erra e cai, mas que nunca fica caído. De alguém que quando peca, confessa seu erro a Deus, pede perdão a quem foi atingido, e muda suas atitudes, fazendo isso até que chegue aos céus, onde finalmente alcançará a perfeição.

Uma das piores coisas que você pode fazer por seus alunos é ser arrogante o suficiente para nunca confessar seus erros. Me deixa repetir isso, porque é algo que eu realmente quero que você leve dessa leitura: uma das decisões mais prejudiciais que você pode tomar como professor é evitar mostrar suas fraquezas aos seus alunos, e encobri-las, fingindo perfeição.

E sabe por quê? Não só porque crianças percebem hipocrisia, como eu disse anteriormente, mas porque elas *precisam* de alguém que mostre que errar é humano, e que elas não são menos aceitáveis ou amadas porque erram. Elas precisam aprender *graça*, afinal de contas foi isso que Deus nos mostrou.

Imagine o quão marcante é às crianças quando seus professores chegam a elas e dizem “queridos, eu queria confessar para vocês que semana passada eu fiquei sem paciência e acabei falando alto com vocês. Eu não deveria ter feito isso, me desculpem”. Quantas vezes crianças veem isso acontecer? É tão comum vermos adultos apontando vez após vez, sem deixar escapar nada, os erros dos seus filhos e alunos, mas tão incomum vermos adultos assumindo às crianças seus próprios erros.

Como Cristo

Como eu disse anteriormente, podemos ser exemplos não porque somos perfeitos - longe disso - mas porque estamos vivendo como espelhos de Cristo, e apontando os pequenos a serem assim também. Gosto da passagem de 1 Coríntios 11:1 onde o apóstolo Paulo diz, “Tornem-se meus imitadores”, e segue não com “porque eu sou perfeito e tenho vivido de forma inculpável perante vocês” ou “porque eu sou o mestre/adulto/autoridade aqui e vocês precisam me imitar”. Mas ele seguiu esse comando com a humilde e encorajadora frase “como eu o sou de Cristo”. É isso. As crianças podem e devem nos imitar, desde que nós estejamos nos esforçando para imitarmos a Cristo.

O nosso maior objetivo é poder chegar ao ponto de dizermos às nossas crianças do ministério infantil aquilo que Paulo disse aos Filipenses: “Tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim, ponham-no em prática” (4:9).

Será que se você for sincero consigo mesmo, você poderia dizer as mesmas palavras aos seus alunos? Você quer que eles pratiquem tudo o que tem visto você fazer, ouvido você dizer, e observado você vivendo?

Queridos, não somos chamados à perfeição. Mas como professores temos uma grande responsabilidade dada por Deus de sermos exemplos. Leve esse chamado a sério. Seja um cristão autêntico, e não hipócrita, e viva o que prega e ensina. E o Senhor será glorificado em nós assim!

Capítulo 7

Conhecendo suas ovelhas

Há muitos anos, quando eu ainda começava no ministério infantil, o Senhor abriu meus olhos para um versículo especial que desde então mantive comigo, em meu coração:

“Procura conhecer o estado das tuas ovelhas e cuida dos teus rebanhos.” Provérbios 27:23

Você já conheceu um pastor na vida real? Não um pastor de igreja, um pastor literal mesmo, de animais? É incrível como esse serviço é uma analogia quase que perfeita de Cristo, e também de todos aqueles que querem ser líderes em qualquer esfera.

O pastor tem duas tarefas principais: cuidado e proteção das ovelhas. Ele cuida de suas ovelhas quando está perto delas, se preocupando com suas vidas, tendo certeza que elas estão saudáveis, que têm alimento suficiente e que estão crescendo bem. E ele protege suas ovelhas não somente quando afasta predadores, mas também quando as corrige, não permitindo que elas machuquem a si mesmas ou a outras ovelhas do mesmo rebanho.

Esse versículo de Provérbios me ensinou que aqueles pequeninos que o Senhor coloca sob minha responsabilidade nas poucas horas do ministério infantil são as ovelhinhas que Ele me confiou, e é de tremenda importância que eu cuide delas e as proteja.

Mas para poder proteger nossas ovelhas, e cuidar delas, é preciso que de fato as conheçamos. É impossível ser um bom pastor, que cumpre seu papel, se nem sequer conhecemos nossas ovelhas. Se pensarmos no tempo que passamos com esses pequenos é realmente muito pouco, uma ou duas horas por semana, geralmente. Por isso, é importante que sejamos realmente *intencionais* em tentar conhecer nossas ovelhas no ministério infantil.

Por que conhecer minhas ovelhas?

A importância de conhecer seus alunos não é expressa somente na Bíblia, como já vimos, mas é uma importância até mesmo pedagógica. Quando você conhece profundamente cada uma de suas crianças, você sabe o que cada uma já sabe, o que não compreendeu ainda, qual gosta de qual brinquedo, quais crianças brincam juntas, quais têm uma maior tendência em brigar, quais são mais sensíveis e choram, o que funciona na hora da disciplina, etc. Com esse conhecimento é possível planejar melhor suas aulas e suas poucas horas com seus alunos.

Pense assim: se você conhece bem seus pequenos e sabe quais crianças têm mais dificuldades em compartilhar brinquedos, por exemplo, você terá mais facilidade em antecipar o problema antes que ele aconteça, e poderá ajudar essa criança com essa dificuldade. Ou se sabe quais crianças têm problemas em casa, com pais que são mais duros ou desinteressados, é mais fácil mostrar compaixão e graça quando elas tiverem momentos difíceis na aula. Conhecimento gera interesse, compaixão, e claro, ensino eficaz.

Como conhecer minhas ovelhas?

Para conseguir conhecer seus pequenos só existe um “método” que eu comprovei ser eficiente: o método da observação. Quando cientistas querem entender algum processo biológico em alguma planta, por exemplo, eles se dispõem a pacientemente observar aquela planta por dias e dias, vendo como ela reage a diferentes situações e ambientes.

Assim também precisamos ser intencionais em observar nossas crianças durante os momentos que temos junto a elas. Somos como cientistas tentando conhecer as ovelhas que temos, compreendendo quem elas são, e quais características e traços peculiares fazem delas únicas. A Maria sempre chora quando chega e sente saudades da mãe, o João é mais emotivo e precisa de companhia, a Júlia é mais inquieta na hora da história, a Camila gosta de ajudar os professores, etc. Nossas ovelhas foram formadas a dedo por um Deus extremamente criativo que deu a cada uma delas traços peculiares, e cabe a nós, pastores, conhecermos quais são essas peculiaridades e como podemos usá-las a favor da aprendizagem.

Quando eu trabalhava em uma escola que seguia o método da observação (conhecido como Pedagogia Científica, da teórica Maria Montessori), usávamos uma planilha. É algo muito simples de se fazer e acho muito válido que todos os professores do ministério infantil, em qualquer frente, compreendam a

importância de fazer esse registro com consistência.

A planilha serve como uma espécie de registro contínuo do desenvolvimento e envolvimento das crianças. Ao final de cada aula, tiramos uns dez minutinhos, pode ser ali na sala mesmo, e escrevemos coisas que percebemos em cada criança naquele dia. Segue um exemplo:

| | | |
|--|--|---|
| <p>Maria (3 anos) 12/04: Hoje Maria chegou chorando e levou alguns minutos para parar. Chamava a mãe. Depois de um tempo, chamamos ela para brincar na roda e ela parou de chorar. Na hora da história ficou quietinha e respondeu às perguntas ao final, parecendo compreender bem o que foi ensinado.</p> | <p>João (3 anos e 4 meses) 12/04: Hoje João brincou corretamente com os colegas, não pegando os brinquedos de ninguém. Ao finalzinho da aula tentou incomodar um colega, mas assim que chamamos sua atenção ele se acalmou. Prestou atenção à história, mas teve dificuldades em responder a perguntas sobre ela.</p> | <p>Júlia (2 anos) 12/04: Durante a história Júlia ficou tentando voltar aos brinquedos, atrapalhando a atenção dos outros colegas.</p> |
| <p>Criança 4</p> | <p>Criança 5</p> | <p>Criança 6</p> |

O objetivo dessas anotações não é de forma robótica escrever o que vemos, mas sim criar um hábito de conhecer nossos pequenos e observar com intencionalidade quem eles são, e como podemos ajudá-los a serem mais como Cristo, o que é, afinal, nosso papel como professores do ministério infantil.

Esse registro semanal consistente nos permite planejar as aulas ao redor das peculiaridades de cada aluno. Por exemplo, saber que o João tem a tendência de pegar os brinquedos dos outros me ajuda a sempre estar atenta a ele no sentido de prever o que vai acontecer, e evitar o incidente antes que ele ocorra.

Cuidado com os rótulos

É importante, entretanto, entender que o objetivo da observação não é de maneira nenhuma que você rotule seus pequenos. Não queremos escrever: “João, bagunceiro”, “Maria, chorona”. Devemos nos lembrar que o Senhor nos fez diferentes e isso é resultado de Sua maravilhosa criatividade. Dessa forma, algumas crianças serão mais quietas, outras mais agitadas, outras mostrarão mais interesse

na história e outras no momento de desenhos.

Precisamos também ter em mente que o pecado surgirá diferentemente em todas as crianças: algumas serão briguentas, outras gritarão quando não conseguirem o que querem, outras vão morder, etc. É necessário que tenhamos sempre uma palavrinha mágica em nossas mentes quando formos lidar com os pequenos: graça. Assim como Deus tem paciência com nossos erros, tenhamos também com os deles.

É maravilhoso notarmos também, através dessas anotações, o crescimento espiritual de nossas ovelhas, vendo que no começo do ano Maria tinha tendência ao egoísmo, e ao final do ano parece ter mais facilidade em compartilhar brinquedos. Assim como um diário espiritual que nos permite ver nosso próprio crescimento, esse registro nos ajuda a ver o amadurecimento de nossas ovelhas.

Uma última observação quanto ao registro é que ele deve ser privado e com objetivo educativo. Evite compartilhar essas anotações com os pais, mas apenas conte a eles sobre problemas disciplinares grandes ou, com alegria, compartilhe sobre as áreas em que as crianças têm crescido e amadurecido. Cuidado também para que esse registro não vire uma forma de fofoca entre você e outros professores, quando compartilharem suas anotações uns com os outros - lembre-se sempre que o objetivo é a edificação e conhecimento dos pequenos, nunca a rotulação e crítica gratuita.

Conheça para além das paredes da igreja

Eu não sei qual a realidade das crianças que você tem servido no ministério infantil, mas existem algumas crianças que vão à igreja sem seus pais, ou cujos pais estão afastados do convívio da igreja. É preciso que conheçamos essa realidade dos nossos alunos: qual a vida deles fora da igreja? Como são suas famílias? Eles têm irmãos? Já estão na escola? Algum deles é filho adotivo? Têm algum problema sério de saúde? etc.

É extremamente importante conhecer suas ovelhas para além das paredes da igreja. Saiba a realidade deles e tenha a delicadeza necessária para lidar com essa realidade. Por vezes você terá crianças em situações difíceis, e é preciso muita sabedoria e sensibilidade para lidar com esses problemas, sabendo encontrar o equilíbrio entre a ajuda e a intromissão. Precisamos lembrar sempre que não

somos os salvadores de nossas ovelhas. Apenas Cristo salva, tanto a alma quanto o corpo. Se você tem pequenas ovelhas que vivem em situações de risco ou carência, se envolva sim, ajude sim, e procure direcioná-las a órgãos governamentais que possam ajudar também. Mas saiba seus limites. Coloque esse pequeno diante do Senhor reconhecendo que, por mais que você se esforce em ajudar, só Ele pode de fato salvar essa vida, seja do que for - pais abusivos, pobreza, dificuldades e, principalmente, do inferno.

Se os pais de seus alunos forem participantes da igreja, mantenha contato e tente fazer bom uso desse relacionamento com eles. Incentive a boa comunicação entre vocês, e ofereça para tê-los por perto, seja saindo juntos para um jantar ou passeio, seja os recebendo em sua própria casa para um café. Mostre a esses pais que você ama seus filhos, e quer dar seu melhor para vê-los crescer em amor ao Senhor. Seja sempre, também, amigável na entrada e saída das aulas, conversando com os pais e responsáveis, e mostrando interesse em suas vidas.

Como vimos, é de importância vital que conheçamos o estado de nossas ovelhas e que saibamos como elas são e estão. Devemos carregá-las em nosso coração e lembrar delas em nossas orações, clamando ao Bom Pastor que nos ajude a pastoreá-las de forma eficaz, para que cresçam no conhecimento de Cristo.

Capítulo 8

Por amor e em amor - sobre a disciplina

Um dos grandes desafios do ministério infantil, e de qualquer trabalho com crianças na verdade, é a indisciplina. É difícil, e pode ser desanimador, se encontrar frente a frente com um pequeno que, gritando, te diz que não vai fazer o que você pediu. Por saber que vamos, uma hora ou outra, ter que lidar com a indisciplina em nossas aulas do ministério infantil que escrevi esse capítulo, na esperança de te dar um um pouco de refrigério quanto a essa parte tão desanimadora do serviço com crianças.

Eu quero começar te contando sobre duas crianças queridas da minha vida que me ensinaram bastante sobre como corrigir os pequenos.

Eu tenho uma “sobrinha” (filha de uma prima) chamada Victoria, de 3 anos de idade. Desde que nasceu, a Vic é a criança mais preciosa do mundo para mim. Ela é muito amada por todos ao seu redor e desde que chegou ao mundo é mimada com ternura por todos os seus parentes e amigos.

Apesar de ser uma criança doce e amável na maior parte do tempo, como qualquer outro pequeno por vezes a Vic dá trabalho. Ela sabe ser insistente quando quer alguma coisa. De vez em quando faz manha, ou chora porque não consegue o que quer.

Se algum dia desses enquanto a Vic resolvesse fazer manha eu dissesse “você quer um abraço?” as coisas iriam piorar, você não acha? Ela iria achar que eu estou concordando com seu comportamento errado e até mesmo recompensando-o com o abraço.

Mas deixa eu te contar também sobre outra criança.

Quando eu dava aula em uma pré-escola eu tinha um aluno de também 3 anos, o W., que era uma criança muito carinhosa. Ele gostava de abraçar e se algum dia eu chegasse e não o cumprimentasse, ele ficava chateado. Mas frequentemente,

mais do que gostaríamos, W. tinha momentos de raiva onde jogava objetos nas professoras e batia nos colegas. Isso acontecia quando ele era contrariado. Mas acontecia com mais frequência, e intensidade, quando ele era desprezado. Por causa desse temperamento de W. as crianças gostavam de desprezá-lo e dificilmente o chamavam para brincadeiras. Isso criava um ciclo: ele era agressivo, elas o evitavam, ele era mais agressivo.

Certo dia fiquei sabendo que os pais de W. estavam passando por um processo de divórcio e que por trabalharem muito, ele ficava com o avô. Chegou ao nosso conhecimento, também, que seus pais brigavam bastante um com o outro antes de decidirem pelo divórcio. Com isso, eu pensei ter encontrado a justificativa do comportamento dessa criança - ele queria, e precisava de atenção. E era fato: seus ataques de raiva apareciam com mais frequência quando ele se sentia desprezado, abandonado e ignorado - um reflexo do que ele sentia em casa.

Um dia W. teve um ataque tão forte de raiva que jogou uma mesa para cima de mim. Naquele dia senti que devia agir diferente. Senti que devia tentar mostrar amor e não braveza, e isso porque eu conhecia esse pequeno por nossa vivência de meses (conforme vimos no capítulo anterior). Perguntei a W., “você precisa de um abraço?”; ele disse que sim, nos abraçamos e ele, chorando, se acalmou. Nunca me esqueci desse dia.

A raiz das atitudes de W. são as mesmas das atitudes de Victoria, mas a forma como eu reagi a eles foi diferente. Apesar de saber que ambos são pecadores que precisam de salvação e graça, eu sei também que Victoria reage à disciplina de forma diferente de W., na maioria das vezes.

Cada criança é única, e precisamos entender que tipo de atitude corretiva funciona melhor a cada uma.

O pecado na criança e a autoridade do professor

Eu acredito que a raiz de qualquer indisciplina nas crianças nada mais é do que o pecado, como já disse. O Salmo 58 nos mostra isso ao dizer que já nascemos em pecado - todos nós, sem exceção. As crianças já nascem pecadoras, e não é preciso muita observação para constatar que isso é verdade: elas choram quando contrariadas, jogam coisas umas nas outras, mordem de raiva, puxam o cabelo, são egoístas com seus brinquedos, etc., e tudo isso antes de uma idade em que tenham,

de fato, consciência moral.

A Bíblia é muito clara quanto a essa questão: a criança precisa ser disciplinada por causa do pecado que nela habita, e não só isso, ela precisa ser disciplinada pelos pais. Assim como vimos que é dos pais o dever de ensiná-las, é também deles o dever de discipliná-las, e podemos ver isso em versículos como Provérbios 22:13, 23:14-15, e Efésios 6:4.

Entretanto, uma vez que a criança estiver dentro de nossas salas de aula, nós somos a autoridade sobre ela ali. Isso significa que por aqueles quarenta minutos ou uma hora (ou mais) nós somos responsáveis por manter a ordem, e garantir que essas crianças estejam seguras e seguramente limitadas.

A Bíblia nos comanda a respeitar nossas autoridades, como vemos em Romanos 13, “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores. Pagai a todos o que lhes é devido: (...) a quem respeito, respeito; a quem honra, honra.” Uma vez que as crianças estão em nossas classes, elas nos devem respeito, e nós devemos respeitá-las também como criaturas de Deus que são. E uma das formas de respeitá-las é criando um ambiente seguro, onde limites são claros e estabelecidos, e a disciplina corrige para o bem.

Afeto e limites

Como eu disse anteriormente, precisamos entender que crianças são diferentes e apesar de os limites e obrigações delas serem os mesmos, a forma prática como a disciplina e correção ocorrerão pode ser diferente.

Victoria, minha sobrinha, não se importa em levar palmadas, por exemplo (apesar de levar assim mesmo). Ela ri e continua bagunçando quando sua mãe a corrige dessa maneira. Mas se ela coloca Victoria para pensar, separada de todo mundo no seu quarto, aí sim ela sente o peso da disciplina e, chorando, pede perdão.

W. não se importava com gritos. Ele provavelmente conhecia isso de sua casa, então se as professoras tentavam gritar e falar com braveza para que ele parasse, ele ficava ainda mais raivoso e petulante. Mas, quando calmamente conversávamos com ele e explicávamos a situação, mostrando com nossa calma que nós o amávamos, ele parecia conseguir se acalmar e cessar seu comportamento negativo.

Se eu colocasse W. sozinho numa sala ele possivelmente quebraria alguns objetos. Se eu tentar somente conversar com calma com Victoria, ela vai petulantemente rir.

Crianças são diferentes, e precisam de formas diferentes de correção, apesar de todas precisarem de correção.

A vara em casa e a perda de liberdade na sala de aula

Nós vemos na Bíblia, em várias passagens do livro de Provérbios (23:14, 22:15, 29:15, entre outras) a instrução aos pais de praticarem disciplina física em seus filhos, em específico com uma vara. Essa era uma prática antiga, e alguns pais contemporâneos aplicam a correção física de outras maneiras que não necessariamente com uma vara, o que serve o mesmo objetivo.

Eu não vou me aprofundar nesse assunto, porque ele vai além do recorte que temos nesse eBook, mas os pontos que cabem serem feitos aqui são dois: em primeiro lugar a correção física vem dos pais, e em segundo deve ser feita em amor e por amor. Vemos em Provérbios 3:11 e 12 o Senhor dizendo, “Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor nem se magoe com a sua repreensão, pois o Senhor disciplina a quem ama, assim como o pai faz ao filho de quem deseja o bem.” Esse é o padrão do Senhor para a disciplina: que seja feita por causa do amor que os pais sentem pelas crianças, e por desejarem o bem delas.

Como eu disse anteriormente quanto ao pastor e às ovelhas, o pastor por vezes precisa pegar suas ovelhas pelo pescoço com sua vara e puxá-las de volta ao rebanho, quando elas estão prestes a sair do pasto rumo ao deserto, o que poderia custar-lhes a vida. Nesse caso, a disciplina nada mais é do que amor e proteção. É esse tipo de disciplina que precisa acontecer também em nossas salas do ministério infantil.

Quando digo, então, que as crianças são diferentes e precisam de diferentes tipos de correção, como vimos com Victoria e W., não estou tentando ir contra a Palavra. A Bíblia é clara: a correção da criança vem pela disciplina física (novamente, com amor e em amor). A mãe da Victoria dá palmadas, ainda que ela não as leve a sério nesse momento de sua vida. Mas o que precisa ficar claro, apesar de ser um pouco óbvio, é que esse é o papel dos pais somente. Não dos professores.

Agora, se nós, como professores, não devemos disciplinar de forma física, como podemos disciplinar as crianças com más atitudes em nossas salas de aula?

A prática que eu creio ser a mais eficiente nessas situações é a perda de liberdade. Deixa eu explicar: se uma criança está correndo na sala, durante a contação da história, você pode gentilmente pegá-la, colocá-la sentada do seu lado e dizer, “Fulano, você está atrapalhando a aula. Você conhece nossas regras e sabe que não pode correr, então agora você perdeu a liberdade de sentar com seus colegas, e vai passar o resto da aula sentado aqui comigo”.

Essa perda de liberdade pode ocorrer em vários sentidos. A criança pode perder a liberdade de brincar com determinado objeto se ela se recusar a compartilhar. Perder a chance de responder se ela estava fazendo gracinhas e não respondendo de fato. Perder a liberdade de brincar com as outras se chutou alguém, etc.

O importante é que você entenda o sentido dessa punição: o objetivo é sempre retirar a criança de uma situação onde ela estava sendo negativa. Seja retirá-la da brincadeira, para que pare de machucar outras; seja retirá-la da roda, para que pare de atrapalhar a lição; seja retirá-la da mesa, para que pare de incomodar os colegas; entre outras situações. Ela perde a liberdade de fazer algo que poderia fazer em uma situação normal justamente porque está atrapalhando a normalidade da aula.

Isso é um pouco diferente do famoso “castigo” porque não significa que necessariamente colocaremos a criança sentada no canto. Dependendo da situação ela simplesmente perde a chance de continuar brincando com aquele determinado carrinho, por exemplo, porque está sendo egoísta, não querendo compartilhar. Retiramos o carrinho das mãos dela e pronto, não precisa ir sentar no canto. Por vezes, entretanto, o sentar isolada pode ser, sim, uma disciplina eficaz, especialmente se a criança estava sendo negativa com seus movimentos, seja correndo ou chutando, ou algo nesse sentido físico.

Vale lembrar também que os castigos de sentar no canto ou retirar determinado brinquedo são mais eficazes com crianças menores. As crianças maiores e os pré-adolescentes não irão sentar num canto. Geralmente o que essas crianças maiores precisam é de uma conversa séria, talvez até mesmo as retirando da sala, para esclarecer o pecado e a atitude do coração que é na verdade a raiz da sua atitude negativa. Você precisará ter uma sensibilidade de saber tratar as crianças menores com os limites físicos que elas precisam, e as maiores com os limites morais que elas necessitam. Não tente ter uma conversa de dez minutos com uma criança de

três anos e colocar uma de doze anos para sentar no canto (a não ser em situações específicas, e caberá a você saber identificar essas exceções).

Regras e motivos claros & conversas espirituais

Algo que é muito injusto com as crianças, e até mesmo desrespeitoso, é quando nós requeremos delas algo que nunca foi estabelecido. Repare que no exemplo que eu trouxe acima da criança correndo durante a aula eu disse “Você conhece nossas regras e sabe que não pode correr”. Para que possamos ser honestos em nossa correção, as regras precisam ter sido claramente estabelecidas antes, para que elas entendam que, de fato, quebraram nosso “contrato”, nosso combinado. Se nós nunca dissemos a elas que é proibido correr na sala de aula, com que autoridade podemos castigá-las por correr? Deus mesmo fez suas regras e mandamentos sempre muito claros ao Seu povo, de maneira que eles não tinham desculpa quando desobedeciam.

Uma maneira prática de fazer com que isso funcione é tendo as regras gerais da sala na parede, em papel, ou na lousa, de maneira permanente. Leia as regras com os alunos no começo do ano letivo, e sempre que um novo aluno chegar peça para um antigo explicar as regras para ele. Dessa forma não há desculpas para não cumprir o combinado.

Em contrapartida, um outro problema grande que adultos têm a tendência de cometer é criar regras que não têm motivos claros. Se queremos que as crianças não corram precisamos explicar porque: pode machucar outros colegas pois nosso espaço é pequeno, e atrapalharia a aula dispersando os outros da lição. Crianças maiores precisam entender os motivos das regras - elas gostam disso e isso também as ajuda a cumprir os combinados com mais facilidade. As menores não precisam necessariamente que expliquemos o motivo de todas as regras, mas é preciso que nós saibamos o motivo, ainda que ele não seja verbalizado.

Uma amiga professora me disse uma vez que estava observando uma escola quando viu uma situação interessante: uma criança de uns seis anos estava preparando seu lanche, quando pegou um pedaço de pão, adicionou um pouquinho de manteiga e em seguida requeijão, e por cima geléia. A professora parou a menina, dizendo que aquilo não podia. Minha amiga disse que ficou sem entender, afinal de contas qual era o problema? Claro, era um pouco incomum, mas e se ela de fato gostasse daquilo? Depois, conversando com os pais da criança, minha amiga descobriu que

de fato a menina gostava da mistura, e comia em casa sempre.

A questão então é: nossas regras precisam ter motivos que sejam justos, senão seremos como pequenos fariseus, vomitando regras sem sentido e motivo, apenas querendo comprovar nossa autoridade.

É importante também sempre explicarmos o porquê quando colocarmos crianças em situações de disciplina. Sempre pergunte a uma criança “você sabe por que perdeu essa liberdade?”. Perceba se ela está em uma fase que entende o que é pecado, e caso não entenda, explique. Sempre use essas oportunidades para trazer o Evangelho a elas, mostrando como o pecado vai contra Deus, mas que Ele escolheu enviar Seu Filho para nos dar paz com Ele. Essas conversas espirituais precisam sempre acompanhar a disciplina, para que não seja apenas punições vazias de sentido e de oportunidade de remissão.

Consistência e paciência

Uma atitude que já percebi, infelizmente, em muitos professores, tanto seculares quanto na igreja, é a falta de dois ingredientes essenciais à didática: consistência e paciência.

Precisamos de consistência no sentido de que nossas atitudes precisam ser sempre as mesmas, não importa a situação. Não posso querer tratar meu filho na sala de aula diferente dos outros alunos. Não posso, também, decidir que caso a criança chute alguém ela deve voltar para os pais, e o professor da semana que vem na escala fazer algo completamente diferente com outra criança que também chutou alguém. As regras e aplicações de disciplina precisam ser as mesmas para todas as crianças e todos os professores. O mesmo é verdade quanto à rotina - todos devem seguir a mesma ordem, ainda que façam pequenas alterações.

Precisamos também de muita paciência, e isso tanto para tratar com as indisciplinas, como também para lidar com a possível demora de aprendizado. Se uma criança parece não entender uma lição enquanto todas as outras já compreenderam, tenha paciência e não a ignore, continuando como se ela tivesse entendido. Mostre paciência também no escutar: as crianças, por vezes, demoram um pouco para formarem as frases, justamente porque estão tentando formar o pensamento em suas cabeças. Tenha paciência para escutar suas perguntas e respostas, respeitando seu tempo.

Lidar com a disciplina na sala de aula é uma das maiores dificuldade que os professores seculares têm, e isso reflete também no ministério infantil. Mas se seguirmos a lógica de Deus, de disciplinar em amor e por amor, então conseguiremos, ainda que lentamente, criar uma sala de aula segura e calma, onde o aprendizado da Palavra é eficiente.

Capítulo 9

Incluindo todos - ensinando crianças com Necessidades Específicas

Este eBook já estava praticamente terminado quando o Senhor pesou em meu coração o tema desse capítulo. Durante o meu processo de escrita, fiz uma pesquisa pedindo que pessoas que trabalham com o ministério infantil me dissessem coisas com as quais têm mais dificuldade nesse serviço, e para minha surpresa um dos temas mais comentados foi esse - como lidar e ensinar crianças com deficiências? Baseado nisso decidi adicionar esse capítulo ao eBook na esperança de dar algumas diretrizes gerais para ajudar voluntários do ministério infantil. Entretanto, não sou especialista na área da Educação Especial, e esse capítulo será uma pequena e humilde ajuda, o começo da discussão e pesquisa para aqueles que têm esses preciosos pequenos em suas salas.

Grande parte do que for apresentado aqui veio do material disponibilizado pelo ministério Key (www.keyministry.org), que é uma organização estadunidense voltada ao ensino nas igrejas de pessoas com Necessidades Específicas.

Qual o contexto?

Uma pesquisa feita nos EUA mostrou que 90% das crianças com Necessidades Específicas (NE) não vão a nenhuma igreja. Não é preciso pensar muito para entender porque isso acontece. Os pais dessas crianças já sofrem muito com estigmas e preconceitos, e já têm muita dificuldade em estar com elas em lugares públicos. *Ir à uma igreja, onde muitas pessoas julgarão a forma como eu educo meu filho e onde esperam que ele fique sentado por horas? Não, obrigado!*

Infelizmente a Igreja de Cristo tem falhado em alcançar essas pessoas e suas famílias. Entretanto, a Bíblia deixa claro que não é isso que Deus espera de nós. Vemos na Palavra o Senhor Jesus mostrar compaixão a pessoas com deficiências, como paráliticos, cegos, e o homem com uma mão paralisada (cf. Mt. 9 e 12), curando-os fisicamente e lhes mostrando esperança espiritual. Além disso temos também o caso do rei Davi que mostrou compaixão a Mefibosete, filho de Jônatas, que tinha deficiência nos pés (cf. 2 Sm. 2:9).

O que as igrejas muitas vezes falham em reconhecer é que as crianças com deficiências, sejam elas mentais ou físicas, precisam de salvação tanto quanto as crianças sem deficiência, e que é nosso papel colaborar com os pais na pregação do Evangelho a elas.

Por onde começar?

Se a sua igreja tem o privilégio de receber uma dessas crianças, alegre-se e desde já ore ao Senhor para que Ele conceda graça à igreja como um todo para abençoar esse pequeno e sua família. Um bom lugar para começar é de joelhos, pedindo misericórdia para servir bem.

Mas, depois disso uma boa forma de começar de forma prática é criando um “*Buddy System*”, ou um “Sistema de Parceria”. Com esse sistema teríamos Adultos Parceiros de Sala (APS) que seriam adultos extras na sala de aula, que estariam ali somente para ajudar com a criança com NE. Eles não seriam professores, por assim dizer, e nem precisariam se preparar para aulas. Estariam ali apenas com o intuito de acompanhar a criança com NE em tudo o que ela precisar, e para dar a aula uma confiança de ter alguém com quem contar a todo momento, mesmo que o professor principal esteja ocupado.

Os voluntários para esse trabalho devem ser pessoas cheias de compaixão, que saibam lidar com crianças e gostem disso. Não precisam ter uma especialização na área, mas precisam ser obreiros aprovados, que têm vivido de acordo com a Palavra. Precisam também ser flexíveis e bastante imaginativos.

É importante notar que nem todas as crianças com NE precisarão de um APS. Algumas são bastante independentes e precisarão apenas de um pouco mais de atenção do professor de sala. Cabe a você sentir o nível de necessidade de suas crianças.

Algumas regras gerais importantes para o APS:

- Nunca deixe a criança sozinha, em hipótese alguma. Em casos de emergência, ou de não saber o que fazer em determinada situação, chame os pais ou responsáveis da criança.
- Consistência é importante em qualquer situação com crianças, mas especialmente com crianças com NE. Um mesmo adulto deve ser sempre o APS

da mesma criança, para que ela crie um vínculo de confiança e afeto com esse adulto. Caso seja necessário, em casos de viagens ou doenças do APS, tenham um substituto que seja sempre a mesma pessoa também.

- Pergunte aos pais ou responsáveis da criança quais as necessidades que ela tem, se tem alguma alergia, ou algo que a deixa ansiosa, ou quaisquer necessidades especiais quanto ao uso do banheiro. Anote todas essas informações em um papel, e mantenha-o sempre com você, e uma cópia na parede da sala de aula, para que qualquer outro adulto possa visualizar, caso se faça necessário.

Para além do sistema de APS, é importante também que se faça um levantamento de dados na igreja para saber quantas crianças com NE existem, e quantos profissionais da área da saúde e educação que podem ser de grande auxílio. Converse com essas pessoas e aceite suas sugestões e dicas, na medida do possível.

Sala de aula

Como podemos criar um ambiente de sala que respeite as Necessidades Específicas desses alunos? Seguem algumas dicas gerais:

- Se possível, busque não ter luzes muito claras e brilhantes, que podem atrapalhar a visão das crianças com NE.
- Cores neutras na parede são melhores para acalmá-las. Quanto mais estímulos visuais essas crianças receberem, mais ansiosas ficarão. Busque não colocar muitas coisas nas paredes, como recursos visuais, especialmente aqueles que sejam muito coloridos.
- Crie uma rotina e a siga sempre. Essas crianças precisam de estrutura para se sentirem seguras, e será de grande ajuda se o professor não mudar a rotina sempre. É importante que a rotina seja também consistente entre todos os professores da mesma sala.
- Se possível, coloque um relógio grande na parede. As crianças com NE geralmente se sentem menos ansiosas quando sabem quando a próxima transição ocorrerá, e quando seus pais ou responsáveis voltarão para buscá-la. Explique, de acordo com a idade dela, que seus pais retornarão quando o ponteiro chegar no 6, ou que tomaremos o lanche quando chegar no 3, por exemplo.
- Se possível, coloque imagens simples em lugares específicos, para direção e

esclarecimento de informações necessárias, como na porta do banheiro, ou perto da pia para que saibam onde lavar as mãos. Algumas dessas crianças têm dificuldades em ler, mas entendem imagens bem. Só tenha cuidado para não cair no extremo de ter imagens demais, como explicamos, para não criar estímulo exagerado.

- Se possível, de acordo com o tamanho do espaço que você tiver, crie um cantinho de descanso, com almofadas, livros e brinquedos apropriados, de maneira que essa criança possa ir com seu APS quando se sentir sobrecarregada, ansiosa, ou apenas precisar “dar um tempo”.

E as lições?

Uma das grandes preocupações que professores do ministério infantil têm em relação às crianças com NE é quanto às lições - podemos usar as mesmas? Precisamos criar um currículo só para elas?

Bom, depende muito de qual a necessidade específica de sua criança. Crianças com surdez não têm dificuldades cognitivas, elas apenas precisam de um intérprete de LIBRAS. Já crianças com NE cognitivas precisarão de lições mais realistas com a situação delas. O que eu recomendo que você faça é buscar pesquisar na internet e em livros sobre a NE de seus alunos. Nesse eBook não caberia que eu tentasse falar sobre Autismo, TDAH, Síndrome de Down, etc. Mas pela graça de Deus com a tecnologia que temos hoje é possível encontrar muita informação. Faça bom uso desses recursos!

Mas, alguns pensamentos gerais que podemos trazer aqui:

- Talvez sua criança com NE consiga ouvir e fazer *as mesmas* lições que as outras, e precise apenas de algumas pequenas adaptações, como mais imagens, um giz de cera mais grosso para a atividade escrita, etc.
- Talvez ela precise de uma atividade que seja *similar*. Por exemplo, se as outras crianças estiverem respondendo perguntas sobre a história no papel, deixe que ela as responda oralmente.
- Por fim, pode ser que sua criança com NE precise de atividades *completamente diferentes*. Nesse caso, você precisa certificar-se que as atividades, ainda que diferentes, sirvam ao mesmo propósito: ajudar na aprendizagem da Palavra.

Utilize-se de muitas atividades lúdicas, com músicas, imagens e objetos concretos.

Claro que teremos também a ajuda do APS durante a lição e as tarefas, e isso será, então, um auxílio extra.

Evite o preconceito ignorante

Infelizmente nós vivemos em corpos caídos, e muitas vezes isso se reflete em pecados que são ignorantes, ou seja, que nem notamos. Vemos isso em falas absurdas que muitos crentes dizem por força do hábito, da criação e daquilo que ouviram a vida toda. Mas não podemos usar nossa criação como desculpa para pecar. Esse tipo de linguagem é pecaminosa e odiosa, e devemos abandoná-la.

Segue uma lista de linguagem a ser evitada, no contexto de Necessidades Específicas, e o que deve ser dito no lugar:

| EVITE | USE NO LUGAR |
|--|-------------------------------------|
| Necessidades Especiais | Necessidades Específicas |
| Invalído, aleijado, deficiente | Pessoa com deficiência |
| Portador de síndrome de Down, retardado ou portador de retardamento mental | Pessoa com síndrome de Down |
| Criança autista | Criança com autismo |
| Criança hiperativa | Criança com TDAH |
| Doença genética | Condição genética |
| Pessoa especial | Pessoa com Necessidades Específicas |

Evite também:

- Palavras como “defeituoso”, “condenado”, “erro genético”, “anomalia”, ou qualquer outra palavra de conotação negativa;
- O termo “criança normal”. Diga “criança sem deficiências” ou “criança não-deficiente”;
- Dizer coisas como “ele tem Down mas é inteligente”. Esse tipo de frase apenas reforça estereótipos e são muito desrespeitosas.

Queridos leitores, essa é a apenas uma discussão geral e inicial sobre o assunto da educação de crianças com NE dentro das igrejas. Espero que seja uma base para que muitas outras conversas venham a surgir em sua igreja e comunidade local, de maneira que a graça de Cristo seja exaltada em nosso meio, através de nosso bom trabalho com todas as crianças que Ele nos der.

Conclusão

Querido leitor, meu coração grandemente se alegra que você tenha investido seu tempo com esse eBook. Espero que ao final dessa leitura você esteja se sentindo um pouco revigorado, talvez até encorajado, quanto ao serviço no ministério infantil.

Nós pudemos ver a importância desse ministério e regras e dicas básicas de como servir nele com excelência. Como eu disse no começo desse eBook, cabe a você a partir de agora decidir se quer seguir nesse ministério ou não. Essa será uma decisão que tomará com o Pai, em oração.

De qualquer maneira, eu espero que saiba que estarei em oração por você e por sua igreja, para que o nome de Cristo seja exaltado através de vocês, exatamente no lugar e tempo em que Ele mesmo plantou essa igreja.

Que por Ele, com Ele e através dEle possamos seguir fazendo o Reino dos Céus conhecido e expandido, em todas as frentes necessárias.

Avancemos!

Em Cristo,
Sua amiga e serva,

Francine Veríssimo Walsh
Minnesota, Setembro de 2017

Sobre a autora

Francine Veríssimo Walsh é Pedagoga formada pela Universidade Estadual Paulista UNESP, e pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Blogueira desde 2006, atualmente escreve no Graça em Flor, ministério online para mulheres cristãs. Serve no ministério infantil desde 2004, ensinando principalmente a faixa etária de 3 a 6

anos, e atualmente faz parte da liderança do ministério infantil de sua igreja.



Francine mora no estado do Minnesota, nos EUA, com seu marido Beau.

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao Senhor Jesus pela oportunidade que me deu, mais uma vez, de servir à Sua amada Igreja.

Agradeço a meu marido Beau pelo apoio e encorajamento de sempre sem o qual esse projeto não teria sido terminado.

Agradeço aos meus pais pelo empenho e amor em garantir minha formação em Pedagogia, e por serem meus maiores “cheerleaders”.

Agradeço às leitoras do Graça em Flor, em especial àquelas que fazem parte da Equipe, pelo envio de perguntas, dicas e sugestões para a escrita desse material.

Agradeço às leitoras beta desse eBook, cujos nomes estão na primeira página, pelo tempo que dedicaram à leitura de VNMI, garantindo que ele chegasse até os leitores sem erros ortográficos e de digitação.

E por fim agradeço a você, que adquiriu esse eBook, colaborando assim com a continuação de nosso ministério. Muito obrigada, e que o Senhor te abençoe e recompense!

Graca
em flor

Siga nosso ministério nas redes sociais:

gracaemflor.com

Facebook: /gracaemflor

Instagram: /gracaemflor

Twitter: /francineemflor

YouTube: /francineverissimo